

MANUEL FILHO

ILUSTRAÇÕES | WALMIR ARCHANJO

PRISIONEIROS NA BIBLIOTECA

Editora Melhoramentos


MANUEL FILHO
ILUSTRAÇÕES | WALMIR ARCHANJO
PRISIONEIROS NA BIBLIOTECA
Editora Melhoramentos

MANUEL FILHO

ILUSTRAÇÕES WALMIR ARCHANJO

PRISIONEIROS

NA BIBLIOTECA

Editora Melhoramentos

Olá!

Bem, este diário estava perdido, mas, se você estiver lendo estas linhas, significa que ele foi achado, não é?

Você o encontrou e, agora, vai saber um pouquinho do que aconteceu comigo quando eu era jovem e enfrentei, digamos, alguns problemas beeeeeem complicados.

Nem todas as histórias são alegres, ou tiveram um final feliz, mas garanto que tentei fazer o meu melhor.

Preciso esconder meu nome verdadeiro, mas pode me chamar de Tobias Vergalhão. Não posso revelar a minha identidade, pois, se algum conhecido encontrar este diário, poderá ficar muito bravo. Garanto que você não gostaria de ver as pessoas do meu tempo enfurecidas. Anônimo, posso contar o que eu quiser.

Obs.: dos meus amigos, que são poucos, vou sempre falar bem.

Espero que, se você passar por alguns dos problemas que vou descrever, encontre ajuda. Não dá para garantir que vai funcionar (um amigo meu acabou sendo devorado por um tigre tentando seguir um conselho meu), mas eu tive, como sempre, a melhor das intenções.

Ah, sim: também gosto muito de desenhar. Não sou um gênio da arte (já me disseram para parar de desenhar e ir pentear macacos), mas resolvi não desistir (na verdade, nunca encontrei um macaco que me permitisse penteá-lo).

Antes de começar a contar uma das minhas aventuras mais esquisitas, esta é a de número 23 (os outros 22 diários estão por aí e espero que você possa encontrá-los), quero pedir desculpas por algumas coisas:

◊ Onde eu moro o papel é uma coisa difícil de se conseguir, então costumo usar o verso de algumas páginas usadas. Não se ofenda caso você se depare com propagandas, receitas de bolo, planos secretos ou mapas falsos de tesouro… apenas peguei o papel disponível no momento.

◊ Se alguma página estiver suja, bem, eu gosto de comer enquanto escrevo.

◊ Caso você saiba quem eu sou e queira, por acaso, me jogar em um abismo, lembre-se de que até sou um sujeito legal.

Sumário

1. O que as pessoas pensam de quem é diferente
2. Ninguém quer você por perto
3. Nada do que estão pensando
4. A Sala dos Grandes Quadros
5. Histórias maravilhosas?
6. O que está acontecendo por aqui?
7. Uma nova lenda
8. Pior do que está, não fica
9. Também aconteceu comigo
10. Uma difícil decisão
11. Perigo no jardim
12. Uma mensagem gravada
13. E agora?
14. As surpresas de um monstro
15. Um segredo escondido
16. Os pontos curiosos
17. Aprendendo o caminho
18. O túnel
19. Do outro lado
20. Razão e emoção
21. Caminhos perigosos
22. Alguém se perdeu
23. A dupla perfeita
24. O Vale do Grifo
25. Um segredo revelado
26. Papai?
27. Em perigo, todos!
28. Perdendo o controle
29. Será que dá para piorar?
30. Sim, pode piorar, e muito!

31. O último voo
32. De volta?
33. Um herói de verdade
34. A lógica de cada um
35. Sabendo perder…



1

O que as pessoas pensam de quem é diferente

Duvido que, em todo o mundo, exista uma vila com uma localização mais esquisita do que a minha: ao sul, temos um deserto muito perigoso, mas perigoso

MESMO

. Dizem até que monstros pré-históricos vivem por lá. Ao norte, há uma geleira impressionante. Até construíram um canal que recolhe gelo e o despeja num cano gigantesco que atravessa o deserto, onde a água é aquecida e, depois, entregue quentinha em nossas casas. A leste, temos uma grande floresta bastante fechada, habitada por animais selvagens (lembra que eu falei que um amigo meu foi devorado por um tigre? Então, essa história eu já contei no meu diário número 5). A oeste, temos um mar que ninguém sabe aonde vai dar.

Aqui existe um padrão muito severo para se determinar quem é "normal":

◊ Se você for muito magro, será considerado

MUITO MAGRO

e não poderá fazer atividades como: jogar um filhote de bisão na lama ou pular amarelinha.

◊ Se você for muito gordo, será considerado

MUITO GORDO

e não poderá fazer atividades como: correr atrás da gazela ou saltar do precipício de paraquedas.

◊ Se você for muito alto, será considerado

MUITO ALTO

e não poderá fazer atividades como: entrar em cavernas pequenas ou enrolar bolinhos de chuva.

◊ Se você for muito baixo, será considerado

MUITO BAIXO

e poderá fazer todas as atividades que os

MUITO ALTOS

não podem.

Eu ainda não sou considerado nem uma coisa nem outra, pois estou em fase de crescimento, mas algumas tias minhas apontam para mim e dizem alegres que serei

TOTALMENTE NORMAL

(já as peguei cochichando pelos cantos e acho que elas pensam exatamente o contrário, pois balançavam a cabeça negativamente quando eu passava).

Rapidamente achei que havia algo errado nesses critérios, pois tenho um tio que é considerado

MUITO ALTO

e

MUITO GORDO

e, mesmo assim, ele venceu por duas vezes o campeonato para os

MUITO BAIXOS

e

MUITO MAGROS

, então acho que a aparência de uma pessoa não é fundamental.

Agora, vamos lá, vou contar a minha história e, no final, você decide se eu me dei bem ou não, pois até agora não tenho muita certeza se tudo deu certo…

Tudo começou quando…

2

Ninguém quer

você por perto

Aqui no vilarejo tem uma biblioteca, lá pelos lados da grande floresta. A maioria dos moradores só sabe que ela existe porque é aberta uma vez a cada dez anos para um dos maiores desafios da comunidade:

A BUSCA PELO LIVRO IDEAL

.

Quem encontrá-lo terá muita sorte, pois é uma das principais maneiras de se conquistar uma namorada… ou mantê-la. Não que alguém por aqui queira ler um livro, longe disso. O objetivo é o de se encontrar o mais grosso e o mais pesado de maneira que ele possa segurar uma porta ou apoiar uma mesa.

A biblioteca foi fechada faz uns trinta anos, quando um homem desapareceu lá dentro. Ele se chamava Dandy e dizem que ele foi engolido por um monstro que vive nas matas escuras. Por alguma razão, o bicharoco teria entrado na biblioteca, sem que ninguém tivesse percebido, e devorado o infeliz.

Desde então, o gigantesco prédio permanece fechado e só é aberto uma vez por década para que os homens mais corajosos possam se aventurar e, se tiverem sorte, sair de lá com vida. Descobriram que dez anos é um tempo ideal, pois é o período que um livro leva para deixar de ser útil como apoio de mesa. As folhas acabam ficando meio fofas e afundam, fazendo com que o móvel perca o equilíbrio.

Eu, porém, descobri que um livro serve para ler. Nunca consegui acompanhar uma história completa porque todos os que eu encontro sempre estão com várias páginas a menos.

Mesmo quando estava aberta, a biblioteca não era muito frequentada, e a leitura, pouco incentivada. O que tinha importância eram os cálculos. Todo mundo, desde muito cedo, aprendia matemática, pelo menos as regras básicas, pois, assim, todos conseguiam calcular coisas importantes, como:

◊ Quantos bisões podem ser caçados com apenas um arremesso.

◊ Se eu deixar um inimigo escapar, quantos dias irá levar para que ele retorne e me pegue.

Eu aprendi a entender os números e sempre tive muita facilidade com eles. Na minha casa, tão logo perceberam essa habilidade, delegaram para mim todas as contas que deviam ser feitas, sempre. Eles tinham preguiça de fazer qualquer uma que pudesse apresentar um resultado com dois algarismos.

Quando vi um livro pela primeira vez, fiquei bastante curioso. Minha mãe havia usado um pequeno exemplar para bater na cabeça do meu pai, mas ficou muito insatisfeita, pois era leve e não provocou um galo significativo. O objetivo era criar o maior possível para que, enquanto o galo estivesse lá, o culpado se lembrasse de algum mal que tivesse feito.

Ela terminou por abandonar o livro sobre uma pequena mesa. Até desconfiou que meu pai, durante

A BUSCA PELO LIVRO IDEAL

, tivesse escolhido o mais leve possível para evitar “pensamentos dolorosos”.

Ao me deparar com aquele monte de símbolos impressos nas delicadas folhas de papel, pensei que fossem um grande problema de matemática e imaginei que seria uma boa ideia tentar decifrá-los. Porém, não eram números, mas apenas letras. Bem, foi apenas isso que minha mãe conseguiu me falar, pois era do que ela se lembrava. Tinha esquecido completamente como se lia.

Eu, com aquele pequeno livro na mão, fui perguntando para os mais velhos como se fazia para compreendê-lo. A maioria afirmava que era perda de tempo, que era melhor que eu fosse fazer um barril decente para alguém se atirar no rio, mas permaneci curioso.

Com muito custo, alguém se lembrou dos sons das vogais e, a partir daí, fui combinando as palavras e acabei aprendendo. Não sei se leio perfeitamente, talvez eu tenha até inventado alguma linguagem, mas parece que consegui entender as histórias. Porém, é como já disse: nunca consegui ler uma delas até o final.

Então, quando meu pai se aproximou, tentando disfarçar o tremor em sua voz, eu não sabia se sentia medo ou se ficava contente. Pressenti que alguma coisa muito séria estava para acontecer. Ele respirou fundo e disse:

— Diga adeus à sua mãe e à sua irmã. Amanhã, você vai entrar na biblioteca comigo.

3

Nada do que

estão pensando

Eu queria entrar na biblioteca, mas não pela mesma razão que meu pai.

— Amanhã, você irá provar que é um cidadão corajoso — disse ele. — Vai disputar com nossos maiores desbravadores e encontrar um livro bem pesado, de capa dura, e entregar para…

Essa era a parte difícil, normalmente o livro era dado para uma namorada ou esposa, mas eu não tinha nada parecido… Até gostei de uma garota, mas, se você encontrou e leu o meu diário número 18, já sabe que eu não tive muita sorte.

— Ele não tem namorada! — riu minha querida irmãzinha.

— Não tem problema. Ele vai

GUARDAR

o livro até ter uma namorada que possa usá-lo — completou minha mãe.

Não dormi direito naquela noite. O meu principal sonho era encontrar um livro que estivesse completo. Isso seria

SENSACIONAL!

Finalmente conseguiria ler um do começo ao fim. Eu nunca tinha entrado na biblioteca aberta, era muito pequeno quando abriram pela primeira vez. Ao longo do dia, notei muitos homens afiando seus machados e limpando suas espadas. Achei estranho.

Algumas mulheres exigiam que seus maridos lhes trouxessem livros maiores, melhores e

MUITO MAIS PESADOS

.

O que dava um pouco de pena era ver o destino dos antigos livros: alguns eram jogados no meio da rua, já com suas letras apagadas, diversos destruídos, perfurados por pés de mesa ou danificados por objetos que sustentaram durante anos.

Eu aproveitava para recolher algumas folhas, mas realmente estavam totalmente ilegíveis, manchadas, sujas… O que eu percebi de interessante é que, em vários deles, havia páginas em branco, principalmente no começo e no final. Eu arrancava todas as que encontrava e guardava comigo para escrever meus diários. Desculpem-me se estiverem meio estragadas ou com trechos de textos ruins, mas preciso aproveitar qualquer tipo de papel disponível.

Agora, voltando ao assunto, eu não pensava em me preparar como os outros homens. Meu pai até me deu uma pequena faca dobrável, mas queria me dar algo muito maior, pois ele falava que eu precisava me proteger. Não me explicou muito bem do quê, mas minha mãe acabou vencendo a batalha. Argumentou que eu era muito pequeno para pegar um livro sozinho e que, nesta primeira entrada na biblioteca, eu deveria ficar do lado dele o tempo todo.

Meu pai passou o dia inteiro reclamando, dizendo que eu iria distraí-lo, pois ele próprio havia entrado sozinho na biblioteca em sua primeira vez, sem “babá”, e que saiu de lá com um livro gigantesco. A namorada dele, que era minha mãe, adorou. Disse que o livro era tão grande que deu para apoiar uma mesa que estava bamba e até um sofá que tinha o pé quebrado.

Eu não falei nada para nenhum dos dois, mas era realmente melhor pensar em ficar distante do meu pai, pois, na biblioteca, eu iria fazer algo completamente diferente do que eles estavam pensando.

4

A Sala dos

Grandes Quadros

No dia seguinte, acordei cedo. Para dizer a verdade, não dormi quase nada. Eu estava ansioso e, preciso confessar, com um pouquinho de medo. Escutei minha mãe cochichando para minha irmã que ela deveria levantar cedo para me dizer tchau, despedir-se… Talvez fosse a última vez que me visse.

Achei estranho. Minha própria mãe considerava a possibilidade de nunca mais me ver. Concluí que essa história de biblioteca realmente poderia ser perigosa.

Desde que Dandy desaparecera, várias lendas e hipóteses tentavam explicar o fato. Alguns apostavam num grande castigo, pois ele era muito intrometido na vida alheia. Outros, o consideravam um grande herói, que teria se sacrificado pelo bem da vila.

Até aquele fatídico dia, a biblioteca sempre ficava aberta, porém permanentemente vazia. Os livros não eram lidos, mas, pelo menos, não serviam como apoio para mesas.

Havia um único evento que atraía as pessoas:

O DIA DA REVERÊNCIA

. Nesse dia, os moradores visitavam a maior sala da biblioteca para admirar e reverenciar nossos antepassados, antigos heróis. Meu pai me contou que nela estavam expostos quadros gigantescos retratando velhos chefes do vilarejo no maior momento heroico de suas vidas. Como ele só tinha entrado lá uma única vez, não se recordava das figuras, mas afirmava que eram impressionantes.

Foi exatamente nesse evento que Dandy sumiu. O que se sabe de verdade é que todos saíram da biblioteca, exceto ele. O bibliotecário, que atualmente permanece desempregado, estranhou que ele se demorasse tanto. Nunca ninguém havia ficado mais do que quinze minutos reverenciando os quadros. Ao decidir procurá-lo, o homem levou um susto: no chão do grande salão havia uma longa pena branca e marcas de luta, um copo de suco virado no chão (que não deveria estar ali, pois era proibido entrar na biblioteca com comida ou bebida) e um pé de sapato que provavelmente seria de Dandy. Quando ele se aproximou para recolher os objetos, ouviu um grito desesperado, um pedido de socorro aflito e fez o que todo cidadão de nossa vila faria: fugiu desesperado.

Ao escapar para a rua, curiosos se aproximaram para saber o que estava acontecendo. O bibliotecário começou o relato, porém algo assustador aconteceu. O berro se repetiu e, ao olharem para o interior da biblioteca, viram quando uma enorme ave pousou nos ladrilhos decorados. Não dava para vê-la por inteiro, apenas os pés, que exibiam garras afiadas e poderosas. Observaram, assustados, que Dandy fora capturado, não parava de gritar. Então, todos os cidadãos se uniram e correram em direção à porta, fazendo todo o esforço para trancá-la, abandonando Dandy à própria sorte. Como de costume na vila, ficaram em silêncio na esperança de que tudo acabasse rapidamente.

Hoje, as pessoas têm um pouco de vergonha daquela atitude. Alguns acham que as portas deveriam ter sido abertas para que Dandy, se pudesse, corresse para a liberdade. Outros concordam que não teria adiantado nada; o monstro era muito grande e se tratava de uma causa perdida.

De qualquer forma, no dia seguinte, decidiram abrir a porta. Caminharam até a Sala dos Grandes Quadros e uma parede havia sido destruída. Não havia qualquer sinal de Dandy.

Então, como ainda estavam com medo de tudo o que havia acontecido, fecharam a biblioteca, e assim ela teria ficado para sempre se, um dia, alguém não tivesse decidido que queria fazer o

BOLO DO REI

(história que já contei no diário número 11), mas não se lembrava mais da receita. Alguém se recordou de que havia um livro com figuras que ensinava a fazer o tal bolo, e resolveram abrir as portas novamente, dez

anos depois de fechada. Ninguém achou o livro, mas gostaram imensamente dos de capa dura que encontraram, e o resto vocês já sabem.

Naquele mesmo dia, resolveram homenagear Dandy. Como já havia se passado muito tempo desde a última vez que alguém entrou na biblioteca abandonada, decidiram repetir aquele evento a cada dez anos para homenagear o desaparecido e, principalmente, localizar “livros adequados”. Também era uma aventura, um gesto de coragem, pois nunca se sabia, ao certo, se o monstro iria reaparecer e fazer uma nova vítima.

Até então, ele nunca mais havia voltado.

E foi com tudo isso em mente, cercado por um monte de cidadãos suados, que vi as portas da biblioteca se abrindo pela primeira vez. Minha mãe chorava, mais ou menos discretamente.

Tive vontade de correr, mas, se fizesse isso, nunca arrumaria uma namorada, pois as garotas saberiam que eu não era capaz de pegar um simples livro bem pesado.

Respirei fundo, torci para o monstro não aparecer justo na minha primeira vez e caminhei em direção ao saguão da biblioteca.



5

Histórias maravilhosas?

Fui derrubado! Dezenas de homens apressados passaram correndo por cima de mim. Eu teria sido esmagado se meu pai não tivesse me socorrido. Aconteceu tudo muito rápido. Quase que a minha aventura terminou ali mesmo.

Assim que me reergui, notei que havia outra pessoa com problemas. Era o Rony-X, um garoto pouco mais velho do que eu e, digamos, levemente inteligente. Ele estava estatelado no chão e ninguém o ajudara até então.

Como meu pai ainda estava me amparando, eu estiquei a mão para tentar erguer aquele coitado. Ele percebeu minha intenção, apoiou-se pesadamente sobre meu braço, quase me arrastando para baixo novamente, e disse:

— Obrigado.

Não tive tempo de responder, pois meu pai me arrastou em seguida.

— Vamos logo, filho. Não podemos deixar que aqueles abutres peguem os melhores livros.

Mal ele disse isso e passou por nós o Joca Ligeirinho, um homem do tipo bem magro e bem alto. Ele voltava sorridente, carregando um livro com uma capa de couro. Não me pareceu muito pesado, mas, de qualquer forma, era grosso.

Eu estava cada vez mais ansioso para procurar o meu. Era um grande labirinto. Havia vários ladrilhos faltantes e quebrados pelo chão, parecia até que formavam um caminho. Ao atravessarmos uma porta, encontramos um imenso salão com diversas prateleiras, todas tombadas e vazias.

— Aqui havia muitos bons exemplares — comentou o meu pai. — Mas já pegaram todos, há muitos anos.

— Vamos para outra sala, então — falei ao observar que outros homens continuavam correndo para fora do prédio já com seus livros.

— Esse é o problema. Já pegaram tantos que temos que entrar cada vez mais fundo na biblioteca para achar algo decente. Esses que estão saindo primeiro são verdadeiros covardes — completou meu pai.

— Por quê?

— Estão com medo. Pegam qualquer coisa que veem pela frente. Acham que o velho pássaro pode aparecer a qualquer momento.

Meu pai até poderia ter razão, mas, por outro lado, os homens que saíam apressados levavam livros finos, bem leves. Não sofreriam muito quando fossem, eventualmente, atingidos por um deles em suas cabeças.

Eu estava distraído com esse pensamento quando, de repente, ouvi uma voz.

— Acharam alguma coisa? — era Rony-X que estava nos seguindo.

— Onde está o seu pai? — o meu pai perguntou para ele.

— Está com dor de cabeça e não pôde vir. Me mandou no lugar dele. Disse que eu nunca vou encontrar uma namorada mesmo, então que viesse pegar um livro para entregar para a minha mãe. Ela nem desconfia que isto aqui está acontecendo.

— Não? — estranhei.

— Não. Hoje, quando saí de casa, falei que ia procurar formigas assassinas e minha mãe apenas me pediu para não queimar os dedos. Se eu contasse a verdade, ela ficaria com medo, mas não sei para onde ir. Posso ficar com vocês? Estou meio perdido…

Percebi pelo olhar do meu pai que ele não ficou nem um pouco contente, pois o garoto poderia atrapalhar a nossa caminhada, mas não teve jeito. Seria muito trabalhoso fazer com que ele entendesse que não era bem-vindo. Rony-X iria nos seguir de qualquer jeito. Eu não tinha nada contra ele, porém, pelos padrões da vila, ele já era considerado muito lerdo e muito tonto.

— Pode vir, mas, se encontrar algum livro bem pesado, me avise primeiro — pediu meu pai, tentando levar alguma vantagem.

Prosseguimos para o interior da biblioteca, que se encontrava mais vazia e desorganizada a cada passo. Precisávamos desviar dos móveis quebrados e entulhados pelos cantos. Eu já pensava em desistir quando, depois de passarmos por várias portas, finalmente encontramos uma sala com

diversos livros, muitos pelo chão. Alguns moradores exaltados disputavam os melhores exemplares.

— Agora, meninos. É nossa chance — falou meu pai. — Ir além deste ponto pode ser perigoso e eu não saberia como voltar. Procurem o de vocês, e rápido!

Se meu pai não sabia sair dali, imagine eu. Obedeci e vi que Rony-X continuava atrás de mim.

— O que você acha deste? — perguntou ele, exibindo um quase folheto de, no máximo, umas vinte páginas.

— Acho que não. Ele não vai servir nem para apoiar um copo — resolvi falar dessa maneira, pois ele certamente teria que enfrentar a fúria de seu pai se levasse algo tão insignificante.

Tratei de me afastar um pouco e dei de cara com uma estante lotada de livros. Não eram suficientemente grossos e suas capas eram bem finas, delicadas, por isso não despertaram interesse. Entretanto, havia uma plaquinha dourada indicando o assunto contido neles:

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS

.

Eu puxei um e o folheei. Havia muitas figuras que mostravam uma vila pequena, parecida com a minha. Interessei-me pela história e comecei a ler o livro, distraído. Mas isso não durou muito. De repente percebi um leve tremor, achei que fosse o som das estantes vazias caindo, mas não, o som crescia e se aproximava. Então ouvi um grito agudo, fino e estridente.

Fechei o livro e pensei: “Não, isso não pode estar acontecendo comigo”.

6

O que está

acontecendo por aqui?

Senti que alguma coisa havia caído na minha cabeça. Nada pesado, mas estranho: branco e bastante fofo. Não consegui perceber imediatamente o que era.

— O que é isso? — perguntou Rony-X.

Foi então que descobri que se tratava de alguma coisa bastante grande, pois cobria nós dois. De repente, escutei gritos, passos e um grande tumulto.

Finalmente consegui tirar aquele estranho objeto de cima de mim e, ao analisá-lo rapidamente, notei que se tratava de uma pena, enorme. Exatamente nesse momento, ouvi outra vez aquele grito horrível, que se somou ao da balbúrdia que acontecia. Então, não tive mais dúvidas.

O pássaro havia voltado! Meu instinto me alertou para fugir imediatamente. Se eu escutava tão bem o grito e aquela pena havia caído sobre mim, isso só podia significar que o pássaro estava perigosamente próximo.

— Pai! — gritei, mas não ouvi nenhuma resposta. Tentei novamente. — Pai!

— Veja, lá está ele! — gritou Rony-X.

Olhei para a direção apontada e levei um susto quando vi meu pai sendo arrastado pela multidão de homens em fuga. Deixavam um rastro de destruição que começava a bloquear completamente os caminhos.

— Filho… Fil…! Fi…!

Eu não conseguia mais vê-lo.

— Temos que sair daqui — gritei para Rony-X.

— Sim, vam… — ele interrompeu a frase e eu não compreendi, mas, de repente, tudo ficou claro. — Não consigo andar. Estou preso.

Olhei para baixo e reparei que uma das estantes havia caído sobre o pé dele, quer dizer, não exatamente, pois, se tivesse sido isso, ele estaria gritando de dor. A parte atingida fora apenas a ponta de um de seus sapatos.

— Arranca o sapato, agora! — gritei.

— Mas minha mãe vai brigar comigo! — choramingou ele.

— Se você não fizer isso

JÁ

, sua mãe vai choramingar muito mais. Estamos correndo perigo, será que você ainda não percebeu?

Não, ele não havia percebido. Abaixou-se e fazia força para empurrar a estante, libertar-se. O meu pensamento estava em fugir o mais rápido possível, mas, ao mesmo tempo, eu não podia simplesmente abandoná-lo. Mesmo que Rony-X conseguisse o que desejava, jamais desvendaria o caminho para a saída. Eu ainda me lembrava, mas, se demorássemos muito, ficaríamos no meio dos entulhos para sempre.

Resolvi puxá-lo com bastante força. De repente, todo o peso dele tombou sobre mim, pois ele havia acabado de conseguir liberar o sapato. Bati as costas no chão, porém, para minha sorte, caí sobre a pena, que amorteceu a queda.

Ouvi novamente o grito e ele estava muito, muito mais próximo.

Olhei para a porta que levava à saída e vi que não havia mais nenhum tumulto. Todos desapareceram, inclusive meu pai. Seria impossível, mesmo para ele, conseguir andar na direção contrária daquela turba apavorada.

— Vamos embora — falei enquanto me levantava.

— Espere um pouquinho, eu acho que vou… — E não deu outra, Rony-X espirrou fortemente.

As estantes bambas terminaram de desabar, bloqueando completamente o caminho. Para completar, a porta, que estava entreaberta, foi atingida por uma das estantes e acabou sendo fechada.

— E agora, como é que nós vamos sair daqui? — perguntei apavorado.

Rony-X, como se estivesse alheio a tudo, levantou a cabeça e disse:

— Podemos ir por ali.

Mal disse isso, ele se abaixou e começou a passar por baixo dos destroços. Percebi que não ia adiantar nada argumentar que aquilo era

bastante perigoso. E se alguma estante estivesse bamba e caísse sobre a gente? A porta estava completamente bloqueada e não resolveria chegar até ela. Estávamos presos naquela sala.

Porém, outra vez, precisei mudar de ideia, pois tive a impressão de que alguma coisa acontecia com o teto. Ele estava cedendo aos poucos, pequenos fragmentos caíam sobre nós.

Rony-X já tinha quase sumido por entre as estantes. Notei que, se havia alguma chance de fuga, só podia ser por ali, e era melhor que eu o seguisse, pois, quando finalmente uma parte do teto desabou, achei que algo muito parecido com um grande olho me observava.

7

Uma nova lenda

Parte do teto e de uma parede veio abaixo. Foi assustador. Um enorme barulho se fez enquanto tijolos se espalhavam sobre a biblioteca. Eu tremia toda vez que alguns deles quase nos atingiam. Felizmente, a parede que cedia estava do lado oposto ao nosso.

É evidente que algumas partes voavam pela sala e acertavam qualquer coisa, aleatoriamente. Por sorte, eu e Rony-X estávamos debaixo de várias estantes quebradas e, pelo menos, até aquele momento, seguros.

O maior incômodo veio em seguida: a grande quantidade de poeira que se ergueu. Ela foi se espalhando devagar e, aos poucos, se transformou em uma nuvem gigante. De início, atrapalhou somente a visão, porém, em pouco tempo, a respiração foi ficando impossível.

— Não estou conseguindo respirar — disse Rony-X. — Quero sair daqui.



— Fique quieto. A gente não sabe o que está acontecendo…

Eu estava bastante preocupado, pois não sabia quem teria tido força suficiente para derrubar aquela parede e o teto. Não conseguia me esquecer daquele olho assustador… Gostaria que ele não tivesse me visto, mas, se eu fosse você, não apostaria nisso.

Rony-X tentou se mover, porém seu outro pé ficou preso e ele não conseguiu se movimentar. Só assim para ele ficar quieto por alguns instantes.

Quando a poeira começou a baixar, olhei para as minhas mãos e estavam totalmente brancas. O que se seguiu foi um silêncio aterrador. Aquilo piorava a sensação de medo que eu sentia.

De qualquer forma, não durou muito. Notei coisas estalando, como se estivessem sendo quebradas ao mesmo tempo. Era um som distante, mas o

chão vibrava. Em pouco tempo percebi que os restos das estantes que nos cobriam estavam se movendo, como que mudando de lugar.

Eram passos! Havia alguma coisa caminhando sobre tudo aquilo. Eu precisava sair dali, mas para onde? Como?

— Olha só — avisou Rony-X. — Meu pé se soltou.

Ao dizer isso, ele voltou a ganhar mobilidade e vi claramente quando se arrastou por entre os pedaços de madeira. Era como se ele conhecesse o caminho. Os destroços se erguiam e abaixavam a cada passo do que quer que fosse que estivesse caminhando por ali, e isso abria brechas para que pudéssemos passar.

Segui Rony-X. Eu não entendia por que ele não estava apavorado como eu. A minha esperança era a de que conseguíssemos chegar até a porta e, de repente, meu pai e um grupo de salvamento estivessem nos esperando.

Mas ouvi apenas aquele grito estridente novamente. Outras penas caíram e…

— Socorro!!!

De repente, Rony-X desapareceu. Vi quando ele foi erguido no ar como um pequeno inseto.

Tenho vergonha de confessar, mas me escondi.

Afinal, fiz o que qualquer cidadão da minha vila faria: pensei em mim mesmo. Mas os gritos de socorro do Rony-X me torturavam. Ele não parava de berrar e imaginei que seria melhor o tal do monstro acabar de uma vez com aquele sofrimento.

Senti um vento sobre mim, como se fosse um sopro. Não entendi de onde vinha e, quando por um segundo eu ergui a cabeça, levei um susto. Aquele olho me encarava novamente. O vento provinha de suas narinas. Ele me cheirava. Já havia descoberto o meu esconderijo.

Então, sem que eu pudesse fazer qualquer coisa, senti quando uma garra afiada me pegou. Fui erguido no ar e tremi ao observar que ficava cada vez mais distante do chão.

Vendo aquele monte de livros lá embaixo, aquelas histórias que eu certamente jamais conheceria, lembrei-me de Dandy e do que havia acontecido com ele.

Seu desaparecimento… O triste destino.

Percebi que o monstro me puxava para o alto, para a sua boca.

Em breve, eu também viraria uma lenda!

8

Pior do que está, não fica

— Oi, que bom te ver de novo!

Quando olhei para o lado, vi Rony-X, que parecia totalmente alheio ao que estava acontecendo. A ave alçou voo, subíamos cada vez mais.

— Mas… mas… Será que você… — Decidi ficar quieto.

Se ele não percebeu que estava prestes a ser engolido por uma ave gigantesca, eu que não ia contar. Que fosse devorado sem saber, assim sofreria menos. Ele estava terrivelmente ocupado com o sapato que pendia de seu pé e ia cair a qualquer momento, por isso ele gritava tanto.

Nós dois estávamos presos pela mesma pata, em garras diferentes. Já tínhamos alcançado uma boa altura, pois as estantes quebradas se tornaram bem pequenas.

— Pronto. Agora sim! — exclamou Rony-X depois de ter conseguido calçar o sapato. — Mas, me diga uma coisa, o que é que você está fazendo aí, pendurado?

— Nós dois estamos assim — respondi sem muitas esperanças de compreensão; entretanto, acho que ele notou que havia algo de errado.

— Nossa, nós estamos voando, mas eu não sei voar! Socorro! Quero descer daqui! Socorro! Socorro! Socorro!

Rony-X era realmente imprevisível, porém, de certa maneira, ele fazia sempre o que

EU

desejava fazer. Primeiro, parecer indiferente ao que se passava, segundo, gritar por socorro na esperança de que alguém pudesse nos ouvir.

Decidi ajudar. Quem sabe, de repente, alguém nos ouviria.

— Soc…

Não consegui nem mesmo começar. Quando tentei dar o primeiro grito, senti um tranco, a ave deu um urro e me largou. Foi assustador. Eu tinha certeza de que iria me esborrachar no chão. Rony-X teve o mesmo destino e também gritava por socorro, aposto que por alguma razão inimaginável, menos a real.

Fechei os olhos esperando pelo pior e, de repente, puff! Aterrissei em algo bem macio. Eram penas, a ave deveria estar em fase de troca. Eu praticamente afundei e demorei um tempo para me recuperar. Permaneci escondido. Se aquela ave quisesse me pegar, que pelo menos me procurasse. Tentar fugir seria inútil, então, o jeito era ficar quietinho aguardando que alguma coisa boa acontecesse e me tirasse daquele sufoco.

A ave continuava gritando. Não ouvi mais a voz de Rony-X. Será que ele não tivera a mesma sorte que eu? Desejei que ele não tivesse se esborrachado no meio das estantes.

Fez-se novamente silêncio. Esperei mais um pouco para ter alguma certeza de que o perigo havia passado e, com cuidado, retirei as penas de cima de mim. Eram um pouco pesadas em razão de seu tamanho, mas não foi difícil me livrar delas. Então, quando finalmente recuperei a mobilidade, vi algo surpreendente.

Apenas torci para não ter saído do ruim para o péssimo, porém não pude deixar de pensar no pior quando, ao me avistar saindo do meio das penas, o dono de uma voz bem cavernosa perguntou:

— Como você veio parar aqui?

9

Também

aconteceu comigo

Ergui a cabeça e, diante de mim, estava um homenzinho com um imenso bigode e uma barba comprida. Era tão longa que ele a jogava por trás dos ombros, provavelmente para não tropeçar nela quando caminhasse. Portava um arco e flecha e a roupa dele parecia ter sido feita de uma mistura de cipós com couro velho. Mesmo assim, ele se comportava de maneira arrogante. Seu olhar metia medo.

— Pergunto novamente! — berrou ele. — Como você veio parar aqui?

Nisso, saindo do meio das plumas, exatamente como eu, apareceu Rony-X. Ele já ia resmungar quando, de repente, viu o homenzinho e gritou:

— Oba, você veio nos salvar!

Quando o homenzinho viu Rony-X, ficou em posição de defesa. Afastou-se e apontou para nós o arco e flecha.

— O que é isto? Uma cilada? Quantos de vocês ainda estão por aqui?

— Calma — respondi rapidamente. — Somos só nós dois e…

— Sim — interrompeu Rony-X. — E estamos muito contentes por te encontrar. Queremos sair daqui.

Ele acertou apenas metade das coisas, para variar. Sim, desejávamos sair, mas eu não estava nem um pouco contente por ver aquele homem. Para um jovem como eu, aquele já tinha sido um começo de manhã bem atormentado, só perdia para outro dia, quando passou um furacão pela vila, mas essa história eu já contei no diário número 21. Espero que você já o tenha encontrado por aí.

— Não confio em vocês — disse ele. — Hoje é um dia muito perigoso.

— Como se eu não soubesse — comentei.

— Vou fazer um teste — prosseguiu o homenzinho. — Você realmente quer que eu acredite que não tem mais ninguém com vocês, não é?

— Não tem mesmo — confirmei.

— Então você não vai se incomodar se eu atirar algumas flechas por aí! Lembre-se! Se algum amigo seu estiver se escondendo, vai morrer — em seguida, ele atirou flechas por vários lugares da sala. Aquilo era realmente perigoso, pois ele não era muito bom de pontaria. Por duas vezes, flechas passaram rente à minha cabeça. — Acho que é isso. Pelo jeito, eu posso confiar em vocês…

— Acho que você não atirou naquele canto — disse Rony-X, que deve ter achado tudo aquilo uma grande brincadeira.

O homem voltou a ficar desconfiado e atirou a flecha no local que faltava. Só assim ficou calmo.

— Agora, me contem. Como vieram parar aqui?

— Bem… — comecei. — Hoje é o dia da abertura da biblioteca e…

— Sei muito bem que dia é hoje — respondeu ele.

— Então — continuei. — Nós viemos aqui para procurar um livro.

— Sei muito bem o que vocês vieram fazer aqui — disse ele novamente.

— Mas, se você já sabe tudo o que eu vou dizer, do que adianta…

— Eu quero que você me diga o que eu

NÃO SEI! —

ele me interrompeu com um grito.

— Mas como é que eu vou dizer o que você não sabe? — perguntei.

— Eu sei o que ele quer saber — disse Rony-X, de repente. Olhei para ele incrédulo e, em seguida, imaginei que, como os dois deveriam ser de outro mundo, seria provável que se entendessem. — Ele perguntou como nós viemos

PARAR

aqui, e isso é muito simples. Nós paramos aqui porque ficamos presos.

— Finalmente alguém inteligente com quem eu posso conversar — comentou o homem.

— E vocês ficaram presos por quê?

— Nós não ficamos — continuou Rony-X. — Nós

ESTAMOS

presos.



O homenzinho, após ouvir aquela frase, teve uma espécie de revelação. Andou pelo espaço, analisou as penas, observou o estado das coisas. Parecia que ele se impressionava com tudo o que via. Eu imaginava que poderia ser perigoso ficar parado ali. E se aquela ave voltasse novamente? E se nos atacasse?

— Agora entendo o que aconteceu. Vocês
ESTÃO
presos, não
FICARAM
presos.

Não percebi a diferença, mas, já que ele havia entendido alguma coisa, resolvi deixar daquele jeito.

— Aconteceu com vocês o que aconteceu comigo, há muitos anos.

— Você também está preso? — perguntei.

— Não, eu não estou preso — disse ele. — Só vocês estão — ele olhou para o alto e compreendeu. — Maldito Grifo! — Grifo! Eu me lembrava daquela palavra, eu já a tinha visto em algum lugar, só não lembrava onde. — Já entendi tudo, não precisam me dizer mais nada.

— Não? — estranhei.

— Sim — respondeu ele. — Hoje foi o dia da abertura da biblioteca, vocês entraram aqui para procurar um livro bem pesado, essa ridícula tradição que não acaba — reclamou. — Em seguida, ouviram um barulho estridente, os homens saíram correndo o mais rápido que puderam; vocês ficaram encurralados, pois são muito pequenos. O Grifo apareceu, quebrou a parede e os móveis impedindo a saída e…

— Nossa, você é um gênio — disse Rony-X.

— Não — respondeu ele. — Não sou um gênio. Acontece que já vivi tudo isso.

— Então — falei surpreso. — Você é…

— Dandy! O grande e único! Dandy.

10

Uma difícil decisão

Quando vi Dandy na minha frente, milhares de perguntas vieram à minha cabeça. O que diriam as pessoas da vila se soubessem que ele estava ali, firme e forte? Só criaram aquele evento porque achavam que ele tinha desaparecido. Quando lembrei que a biblioteca fora fechada por causa dele, até fiquei com um pouco de raiva.

— Mas se todo mundo pensa que você morreu… — disse Rony-X. — Você deveria estar morto.

Dandy olhou para ele e perguntou:

— Eu pareço morto?

— Não — respondeu Rony-X. — Então, é só voltar para a vila e provar que está vivo, aí ninguém mais vai pensar que você morreu.

— Mas eu não

QUERO

fazer isso.

Julguei que tivesse escutado errado, porém ele foi muito claro ao afirmar que não

QUERIA

voltar para a vila. O povo contava que era impossível retornar dali, então estranhei quando ele tratou o assunto como uma opção. Dandy não comentou que não

PODIA

, mas simplesmente que não

QUERIA

voltar.

— Tem como sair daqui? — perguntei.

Acho que ele percebeu que tinha dito alguma coisa errada e procurou consertar. Demorou, pensou, gaguejou e disse:

— Eu pretendi dizer que

QUERO

voltar; entretanto, dentro de certas condições.

— E que condições são essas?

— Vocês foram à sala dos heróis? — perguntou ele.

— Aquela que tem os quadros enormes? — perguntou Rony-X.

— Essa mesma! Quero fazer parte dela.

— Mas, para isso, você precisa matar um monstro, e eu não estou vendo nenhum por aqui — completou Rony-X.

— Você é um rapaz muito esperto — disse Dandy. Eu não acreditei. Os dois não falavam coisa com coisa, e vai ver que era por isso mesmo que eles se entendiam. — Bem, venham comigo. Vamos sair daqui, pois essa poeira está me incomodando.

— Tem uma saída? — perguntei.

— Claro — respondeu ele. — Você não está vendo?

Dei uma olhada pelos arredores, mas só vi aquele monte de penas.

— Agora, vamos parar com essa conversa. Sigam-me.

Ele então mergulhou no meio de todas aquelas penas e desapareceu. Só era possível perceber o caminho que ele percorria em razão da movimentação produzida. Rony-X respirou fundo e mergulhou atrás do homenzinho bigodudo. Para não ficar sozinho, fiz a mesma coisa. Foi muito complicado "nadar" no meio daquelas penas, porém percebi que, a cada vez que alguém as atravessava, um buraco se formava, mas também sumia rapidamente. Eu tinha que ser bem rápido para não me perder.

Quando, finalmente, conseguimos atravessar aquele "mar" branco e fofo, encontramos um imenso jardim. Não havia telhado e a luz do Sol iluminava o ambiente. Havia um lago e variadas plantas com flores gigantescas. Algumas eu nunca tinha visto antes.

— Rápido. Vamos à Sala dos Grandes Quadros — disse Dandy, nos chamando em sua direção. Rony-X fez questão de ir até o lago para tomar água.

Tentei apressá-lo quando, de repente, percebi que a luz do Sol sumira do nada. Olhei para o alto e levei um grande susto. Acima de nós, pairava o monstro. Desta vez eu não via apenas seu olho, mas todo o seu corpo. Não

era mesmo uma ave, parecia uma mistura de pássaro com outro animal. Ele tinha grandes asas e um bico pontudo. O corpo parecia ser de um leão e ele produzia sons terríveis. Compreendi que era por ali que o monstro tinha acesso aos salões da biblioteca.

O ser começou a se aproximar e, claro, eu precisava sumir dali rapidamente. E é o que eu teria feito se Rony-X, ao tentar se levantar, não tivesse caído e afundado no lago.

Fiquei em pânico, sem saber o que fazer. Salvar o meu amigo ou fugir dali? Eu nem sabia se o garoto teria alguma chance, pois já estava submerso e eu sequer desconfiava se ele conseguiria nadar.

Se eu tentasse salvá-lo, poderia morrer afogado ou terminar nas garras daquele monstro. Fugindo, eu estaria seguro, junto de Dandy. Essa seria a decisão natural de qualquer membro da minha vila.

Como não havia tempo para pensar, acabei tomando a única decisão que podia: a correta.

11

Perigo no jardim

— Socorro! Socorro! — gritou Rony-X ao reaparecer na superfície.

Eu também deveria gritar por socorro, mas o que fiz foi me esticar em direção a ele para retirá-lo do lago.

— Rápido! Me dê a sua mão — falei. O monstro descia para nos atacar. Eu conseguia perceber isso mesmo sem olhar para cima, pois a cada segundo tudo ficava mais escuro. De asas abertas, ele escondia a luz do Sol, criando uma imensa e perigosa sombra.

— Eu não alcanço — respondeu Rony-X. — Não consigo.

Ele nem tentou, para dizer a verdade. Ficou se debatendo, engasgando e berrando. Estiquei o braço ainda mais. Deu certo, pois senti os dedos dele tocando nos meus, porém não era o suficiente para que eu conseguisse puxá-lo.

O Grifo urrava, estava prestes a me capturar novamente. Então, me enchi de energia, dei um grito para que Rony-X tentasse se aproximar só um pouco e, finalmente, agarrei a mão dele. Ele, porém, se desesperou e, quando percebi, fui puxado para dentro do lago. Instintivamente, comecei a me debater, mas notei que havia alguma coisa errada. Meu joelho doeu e logo senti que eu roçava em algo duro: o chão do lago. Era muito raso, mal cobria a altura do meu joelho.



Olhei para Rony-X e ele permanecia em pânico. Eu me aproximei e o segurei.

— Obrigado — disse ele. — Você salvou minha vida.

Olhei para cima, vi que o Grifo estava bem próximo e respondi:

— Acho que não — fechei os olhos, esperando pelo pior, quando, de repente, ouvi Dandy gritando:

— A-há! Agora você não me escapa!

Abri os olhos e vi quando o homenzinho correu em nossa direção. Eu não sabia se ele estava perdido ou algo parecido, mas girou um laço, atingindo em cheio a perna do Grifo.

— Agora eu te peguei! — comemorou ele.

O Grifo então gritou, deu um giro, como que tentando se livrar daquele incômodo, e alçou voo, levando com ele Dandy, que girava no ar preso à

corda. O homenzinho ria descontroladamente.

— E agora? — falei. — O que é que a gente vai fazer?

— Podíamos sair desta água — reclamou Rony-X. — Está um pouco gelada.

Eu concordei e saí, sozinho. Bastou que eu fizesse isso para que Rony-X entrasse novamente em pânico. Ele deslizava no chão lamacento, não conseguia se colocar de pé. Eu o ajudei e logo estávamos fora do lago novamente. Ele se comportava como se nada de estranho tivesse acontecido. Eu estava muito bravo, pois quase fui capturado à toa.

— Vamos embora — falei. — Tenho medo de que o monstro possa voltar.

Disparamos em direção à Sala dos Grandes Quadros e, de repente, algo caiu sobre a minha cabeça. Era um livro, pequeno, de capa dura e, por isso, doeu um pouco quando me atingiu.

— O que foi isso? — perguntou Rony-X. — Acho que alguma coisa caiu do céu em cima de você.

Ele viu quando o livro surgiu. Deveria estar com Dandy e, durante aquele estranho voo, o exemplar escapou da mochila dele.

— É um livro — falei.

— Mas é muito pequeno. Não dá para escorar nada com isso. Joga fora!

Claro que eu não ia jogá-lo fora… Se estava com Dandy, deveria ter alguma importância. Na capa, não havia qualquer título gravado. Ao abri-lo, porém, senti um calafrio e, se eu estivesse certo, Dandy estava correndo grande perigo:

TÍTULO DO LIVRO:
COMO CAÇAR E SE PROTEGER DE UM GRIFO

.

Obs.: se aparecer algum e você não estiver com este livro, ou se foi preguiçoso demais para fazer uma leitura prévia, não terá chance contra ele. Se já foi capturado, parta direto para a página 32.

12

Uma mensagem gravada

Quando me vi de posse daquele livro, fiquei preocupado. Bem, eu estava assim o tempo todo, mas o fato era que aquilo havia caído na minha cabeça como uma verdadeira bomba.

O livro era muito claro. Se a pessoa tivesse sido capturada por um Grifo, deveria ir direto à página 32. Fiz isso, mas ela estava inteiramente em branco.

— E agora? — falei.

— O que foi? — perguntou Rony-X.

— O livro, aqui está escrito que…

De repente, Rony-X me interrompeu e perguntou:

— Como assim, "está escrito"? Você sabe ler por acaso?

— Sim, eu sei…

— Coisa mais inútil! Aposto que, se você não soubesse, como eu, não estaria com essa cara tão preocupada.

Como sempre, por mais estranhas que fossem as coisas que Rony-X falava, ele parecia ter razão.

Quem mandou eu perder meu tempo com esse tipo de coisa? Se tivesse me dedicado a escolher formigas ou contar estrelas ímpares, talvez eu fosse exatamente como todo mundo da minha vila: esperto do jeito deles.



— Bem — tentei argumentar —, pelo menos eu tenho certeza de uma coisa.

— O quê?

— Que Dandy está correndo perigo.

— Mas isso eu já sabia — respondeu placidamente Rony-X. — Ele foi capturado por aquele bicho esquisito, então só pode estar correndo perigo. Tá vendo? Nem precisei ler para adivinhar. Livros são realmente coisas bastante inúteis.

Resolvi ficar quieto. Percebi pelo sumário do livro que, pelo menos, havia indicações de como derrotar o Grifo. Eu teria que ler aquele livro de qualquer jeito, mas ainda não tinha muita ideia do que fazer com aquela informação.

— Venha, vamos ver o que tem por aqui — disse Rony-X observando os grandes quadros.

Eu já tinha investigado aquela sala com meu pai e não encontrei nada de especial, mas, de qualquer forma, segui Rony-X. Achei um alforje no chão com o nome de Dandy gravado. Deveria ter perdido também. Coitado, fiquei com pena. Naquele momento, algo de terrível poderia estar acontecendo com ele.

Abri o alforje com cuidado. Dentro dele havia apenas uma coisa: um ovo. Achei aquilo muito estranho, pois não me parecia ser a melhor coisa

do mundo para se carregar num lugar onde as coisas explodiam. Eu o devolvi para o lugar em que estava e decidi carregar o alforje comigo. Sentia que possuía uma dívida com Dandy, afinal, ele nos salvara duas vezes.

— Vem ver isso aqui — disse Rony-X, chamando-me para perto do quadro em branco. — Ainda falta um herói. Bem que eu queria que fosse eu.

— "Este quadro só será pintado quando o último monstro for derrotado" — falei.

— O que você disse? — perguntou Rony-X.

— É o que está escrito na plaquinha — indiquei para ele, que se aproximou curioso das letras gravadas no pequeno pedaço de metal.

— Está escrito isso aí? Será que o povo da vila sabe?

Eu não havia pensado nisso. Se as pessoas tinham parado de ler e não davam mais importância para o que estava escrito pelo mundo, será que desconfiariam que aquele quadro não fora pintado porque havia um monstro solto por aí?

Entretanto, aquilo não tinha importância no momento. Eu tinha muitas outras coisas com que me preocupar e, de repente, algo bem claro passou pela minha cabeça.

— Como é que eu não pensei nisso antes?

13

E agora?

— Rony-X , acho que vamos conseguir ir embora.

— Como? — perguntou ele.

— É muito fácil. Eu me lembro do caminho que percorri com meu pai até chegarmos aqui.

— Era um grande labirinto.

— Sim, mas notei que havia alguns ladrilhos quebrados, que faltavam, e eu acho que consigo segui-los.

Ele ficou parado me olhando. Bem, eu também ficaria, o importante era, afinal de contas, tentar. Tão logo estivéssemos no meio da vila e contássemos o que aconteceu,

TALVEZ

viessem ajudar a buscar o Dandy. Eu e Rony-X, sozinhos, certamente não conseguiríamos.

Comecei a rastrear o chão, o que não foi muito difícil. Os corredores que eram ladrilhados estavam ainda mais danificados. Há anos não eram cuidados e soltavam-se com facilidade. Com a fuga em massa, eles esparramaram-se por todos os cantos. Tornou-se uma trilha fácil de ser seguida: havia pedaços de roupas, sapatos, chapéus, livros, um pouco de tudo.

Eu sabia que estávamos nos aproximando da porta principal, pois já conseguia reconhecer outras partes do ambiente. Corri. Rony-X vinha atrás de mim, ansioso e em silêncio. Parecia não acreditar que iríamos escapar ou, simplesmente, não estaria pensando em nada.

Finalmente atingimos o grande saguão de entrada, quando, então, tive uma grande decepção: a porta principal estava fechada.

— Não acredito que trancaram a porta! — falei.

— Ué, o que você faria se um pássaro gigante estivesse tentando te pegar? — concluiu Rony-X.

A resposta para alguém da vila seria: correr e tentar se proteger a qualquer custo. Se existisse alguma coisa para barrar o inimigo, como uma gigantesca porta, ela deveria ser fechada, naturalmente.

Bem, eu teria feito isso se não tivesse me ocupado em salvar Rony-X, mas não adiantava falar sobre isso agora.

O que eu não podia acreditar era que meu próprio pai permitisse que a trancassem. Tentei me consolar imaginando que, provavelmente, ele não teve como lutar contra toda aquela multidão em pânico. Eu desejava que ele tivesse se esforçado bastante para impedir aquilo.

Tentamos abri-la, mas não conseguimos. Fiquei desolado. Não havia chave, tranca, qualquer coisa. Até tentei olhar pelo buraco da fechadura, mas ele havia sido bloqueado pelo lado de fora. Acho que pensaram que qualquer brecha poderia ser perigosa.

— E se batêssemos? — perguntou Rony-X. — Talvez alguém consiga nos ouvir.

Eu já tinha feito isso, mas não da forma desesperada como estava prestes a fazer. Esmurrei e gritei. Rony-X fez a mesma coisa. Procurei alguns pedaços de madeira e comecei a bater na fechadura, mas não adiantou. Ela era muito grossa, ninguém deveria estar escutando. Era fácil imaginar também que todos estivessem o mais longe possível da biblioteca.

Há anos o monstro não aparecia…

Anos?

Quando pensei nisso, senti um calafrio. Era isso mesmo. Nossa, se eu não conseguisse fazer com que alguém abrisse aquela porta, teria que esperar uma década até que o ritual dos livros fosse refeito.

— Acho que estamos presos — disse Rony-X. — Vamos virar lendas.

Pareceu-me que ele estava feliz; entretanto, imagino que Rony-X ainda não havia percebido a gravidade da situação.

O que eu iria fazer preso ali durante todo esse tempo? E se o monstro reaparecesse? Fiquei com medo. Queria gritar novamente, mas imaginei que poderia piorar nossa situação.

Todo o barulho que fizemos poderia atrair o Grifo, e essa era a última coisa que eu pretendia.

E Dandy, o que teria acontecido com ele? Por que ainda estava ali? Como tinha sobrevivido?

Eu estava cheio de perguntas sem nenhuma resposta, e a principal delas naquele momento era:

— E agora?

14

As surpresas

de um monstro

Eu e Rony-X tentamos por muito tempo chamar a atenção de alguém do lado de fora, mas sem sucesso. A única coisa que conseguimos foi uma grande dor nos punhos de tanto bater naquela porta.

Resolvemos descansar e Rony-X caiu no sono profundamente. Eu não pude; o dia tinha sido muito intenso e eu não conseguia relaxar. Só ficava pensando em tudo o que havia acontecido.

Foi então que me recordei do livro de Dandy; o que falava sobre o Grifo. Achei que aquele seria o melhor momento para tentar ler alguma coisa e aprender algo, caso ele aparecesse novamente para nos pegar.

Imediatamente percebi que faltavam algumas páginas, parecia que tinham sido arrancadas. Nas iniciais havia um desenho do monstro, que era realmente horrível, idêntico ao que eu vira: a cabeça e parte do tronco eram de águia, e a parte traseira, de um leão. Isso me fez lembrar de quando um leão faminto ficou com uma perna minha dentro de sua boca, mas essa história eu já contei no diário número 13, espero que você o encontre.

O formato desse monstro era assustador, pois, na dianteira, ele tinha a força das garras de águia e a visão perfeita. Não era à toa que eu tive a impressão de que ele sempre estava me vendo muito bem. Com a traseira, com patas de leão, ele poderia dar o impulso que quisesse, caso não conseguisse voar. Sim, para piorar as coisas, ele poderia voar com as asas de águia.

Depois dessa conclusão terrível, reconheci o perigo que eu tinha corrido. Acho que, se ele tivesse cabeça de leão, apenas teria me jogado para o alto e me engolido em uma só bocada.

Senti um calafrio e constatei que deveria ficar longe daquele monstro o máximo possível. Foi então que me perguntei por que Dandy o atacara. Ele não pareceu ter medo dele, muito pelo contrário, desejava enfrentá-lo.

Quando comecei a pensar nisso, fiquei ainda mais curioso. Prossegui com a leitura e, então, descobri algo interessante. Talvez fosse aquela a razão pela qual Dandy parecia tão interessado no Grifo.

Esses monstros têm o poder de descobrir onde existe ouro nas montanhas. Eles o recolhem para construir seus ninhos.

Imediatamente tentei imaginar o tamanho do ninho daquele monstro, todo feito de ouro! Depois de dormir e comer de forma exagerada, ouro é a coisa que o povo da vila mais gosta. E, quando eu digo gostar, é gostar

MESMO

. Quando há alguma festa, todos aparecem com seus colares e pulseiras douradas, importante sinônimo de força. Quanto mais ouro, maiores são o poder e a influência da pessoa na vila. Na minha casa, nós temos apenas um dente do meu bisavô, que nos deixou como herança; nada além disso.

Agora, um ninho inteiro… nossa, deveria ser realmente uma coisa impressionante. Mas não era só isso, o Grifo também botava ovos de ouro. Qual seria o tamanho do ovo daquele bicho?

Depois disso, faltavam várias páginas, todas arrancadas. O que sobrava informava muito pouco: Grifos haviam nascido num lugar chamado Grécia, mas também poderia ter sido em outro chamado Índia, não tinham certeza. Se não estavam certos, melhor nem ter escrito, assim ninguém ficaria na dúvida. Eu me senti como o Rony-X; isso parecia até um pensamento dele.

Acabei ficando com sono. Anoitecia e não havia mais nada naquele livro que pudesse me ajudar. Olhei para o lado e vi que meu amigo dormia e roncava profundamente.

Fechei os olhos, pois agora eu estava bastante cansado. Quando acordasse, eu deveria tomar uma decisão, pois, se iria ficar mesmo preso pelos próximos dez anos, era melhor pensar em como sobreviver durante todo esse tempo.

15

Um segredo escondido

Quando acordei, já era dia novamente. Os raios de Sol penetravam pelas pequenas frestas da porta. A biblioteca ainda estava iluminada. Achei estranho, pois pensei que as luzes fossem desligadas durante o tempo em que ela permanecesse fechada; entretanto, me lembrei de outra coisa. Quando estive no subsolo da vila, história que já contei no diário número 8, descobri que estamos sobre uma fonte fantástica e inesgotável de energia, mas que as pessoas ainda não sabiam utilizar totalmente. A biblioteca é um dos prédios que estão ligados a ela. Sorte nossa, seria terrível ficar no escuro.

— Dormiu bem? — perguntou Rony-X, que folheava o pequeno livro que eu tinha lido na noite anterior. — Se você fosse levar este livrinho, seria uma grande decepção, não serve nem para segurar um copo.

Peguei o livro de volta bem decepcionado, pois as principais informações tinham sido simplesmente arrancadas dele. Era inútil.

— Estou com fome — reclamou Rony-X.

— Eu também — respondi.

— Então, vamos procurar o que comer — dizendo isso, Rony-X se levantou e vasculhou os vários destroços espalhados pelo salão. Eu não tinha grandes esperanças de encontrar alguma coisa, mas, de repente, ele ergueu a mão e gritou: — Veja só, achei!

Ele ergueu um saco cheio de frutas, um pedaço de pão e queijo de bode raro, que não é gostoso, mas, de qualquer forma, não estraga facilmente. Aliás, acho que não estraga nunca.

— Acho que era do Plácido Glutão — falei. — Ele nunca sai de casa sem um lanchinho. A casa dele fede a queijo de bode raro. Ninguém sequer se aproxima.

— Eu gosto — disse Rony-X, comendo a maior parte de uma vez só. Eu não reclamei.

Fosse como fosse, foi bom encontrar aquele lanche. Eu não comia nada desde o dia anterior e, pelo menos por enquanto, aquele problema estava solucionado, porém, pelos próximos dez anos… Aquilo realmente me afligia.



— Rony-X, você está com medo?
— De quê?
— De não sair mais daqui.
— Mas nós vamos conseguir — respondeu ele com muita tranquilidade.
— Como?

— Quando reabrirem as portas.

— Mas isso só vai acontecer daqui a dez anos.

— Você perguntou se a gente ia sair, não quando — grunhiu ele, soltando um bafo daquele queijo horrível.

Decididamente, eu não sabia falar com Rony-X. Achei melhor tomar as decisões que me parecessem mais seguras. Ele sempre faria o que bem entendesse, ou, pelo menos, do jeito dele.

Terminamos de comer e sentimos sede. Só havia água no lago do jardim e voltamos para lá. Eu sentia um pouco de medo de encontrar algo desagradável, mas não havia jeito, minha garganta estava muito seca.

Enquanto caminhávamos, fui observando com mais calma os arredores. Havia muito entulho espalhado. Os homens estavam realmente com medo, haviam deixado tudo para trás. Também lascaram várias partes das paredes, deixando ver que havia alguma coisa desenhada em uma delas. A tinta estava seca e bastava puxá-la para se constatar que havia algo escondido ali.

Fiquei curioso e me aproximei. Tentei descascar com cuidado, mas Rony-X achou aquilo engraçado e passou a puxar grandes pedaços da tinta ressecada.

De fato, era realmente divertido, pois, quanto mais removíamos, maiores detalhes do desenho apareciam. De repente, surgiu algo totalmente inesperado, como eu nunca tinha visto em minha vida.

— Que desenho bonito — disse Rony-X.

Ele achava que era um desenho; entretanto, percebi que era muito mais do que um simples desenho, e eu sabia exatamente do que se tratava.

16

Os pontos curiosos

De repente, me vi arrancando a tinta com uma velocidade incrível. Assim, quando terminamos a remoção, surgiu diante de nós algo fantástico: o maior mapa que eu já tinha visto em toda a minha vida.

— É um desenho bonito — disse Rony-X.

— É um mapa — falei. Eu já tinha visto um muito parecido durante a expedição ao Império do Gelo, que relatei no diário número 14.

— Mapa? O que é isso?

— Foi num livro… — mal comecei a falar, Rony-X me interrompeu.

— Eles só servem como apoio, nunca vi um desenho assim neles…

Fiquei pensando se ele já tivera o interesse de

ABRIR

um livro alguma vez na vida para saber como era por dentro.

— Vou lhe explicar. Veja bem, o que é isto aqui? — perguntei apontando para um ponto que indicava uma sala lotada de livros.

— Não sei — reclamou Rony-X.

— Você não acha que é muito parecido com o lugar em que estamos? Olha só, quantas estantes, livros… É a biblioteca. — Ele, de repente, ficou interessado, e eu não podia perder aquele momento, pois sabe-se lá quando eu teria outra chance de fazer com que ele compreendesse alguma coisa. Resolvi mostrar outro local. — Olha aqui, veja isto. O que lhe parece?

— Uma mancha azul? — respondeu ele.

— É o lago!

Ele observou melhor e fez cara de espanto. Para mim, estava tudo bem claro. Reconheci a sala com as estantes, o lago, o saguão, a porta e a Sala dos Grandes Quadros. Consegui acompanhar os corredores e as passagens pelas quais eu tinha andado. Teria sido ótimo conhecer aqueles caminhos

antes de enveredar pela biblioteca. Seria uma chave para não se perder. Não conseguia entender por que alguém teria coberto aquele mapa com tinta. Deveria haver uma boa razão.

— Gostei desse desenho — disse Rony-X, que começou a me perguntar o que significavam os demais pontos indicados no mapa, mas, além do que eu já tinha visitado, não fazia a menor ideia do que seriam. A única coisa que era óbvia, e até assustadora, era o tamanho da biblioteca.

Na vila, sempre se comentou sobre a sua grandiosidade e que, por essa razão, jamais faltariam novos apoios para mesas ou suportes para se bater na cabeça dos pretendentes rebeldes. Entretanto, olhando o mapa, acho que ninguém jamais conseguiu compreender o espaço ocupado por aquela construção.

Ela se esparramava por todos os lados, parecia não ter fim. Como eu já disse, nossa vila é cercada por geleiras, desertos, e a biblioteca se estendia floresta adentro. Em um dado ponto estava indicado:

PROSSEGUE SEM PARAR, DESCONHECIDO: POR SUA CONTA E RISCO

. O único limite que eu podia observar era justamente a porta de entrada e as primeiras salas. Depois do lago, tudo se espalhava, inclusive para o subsolo.

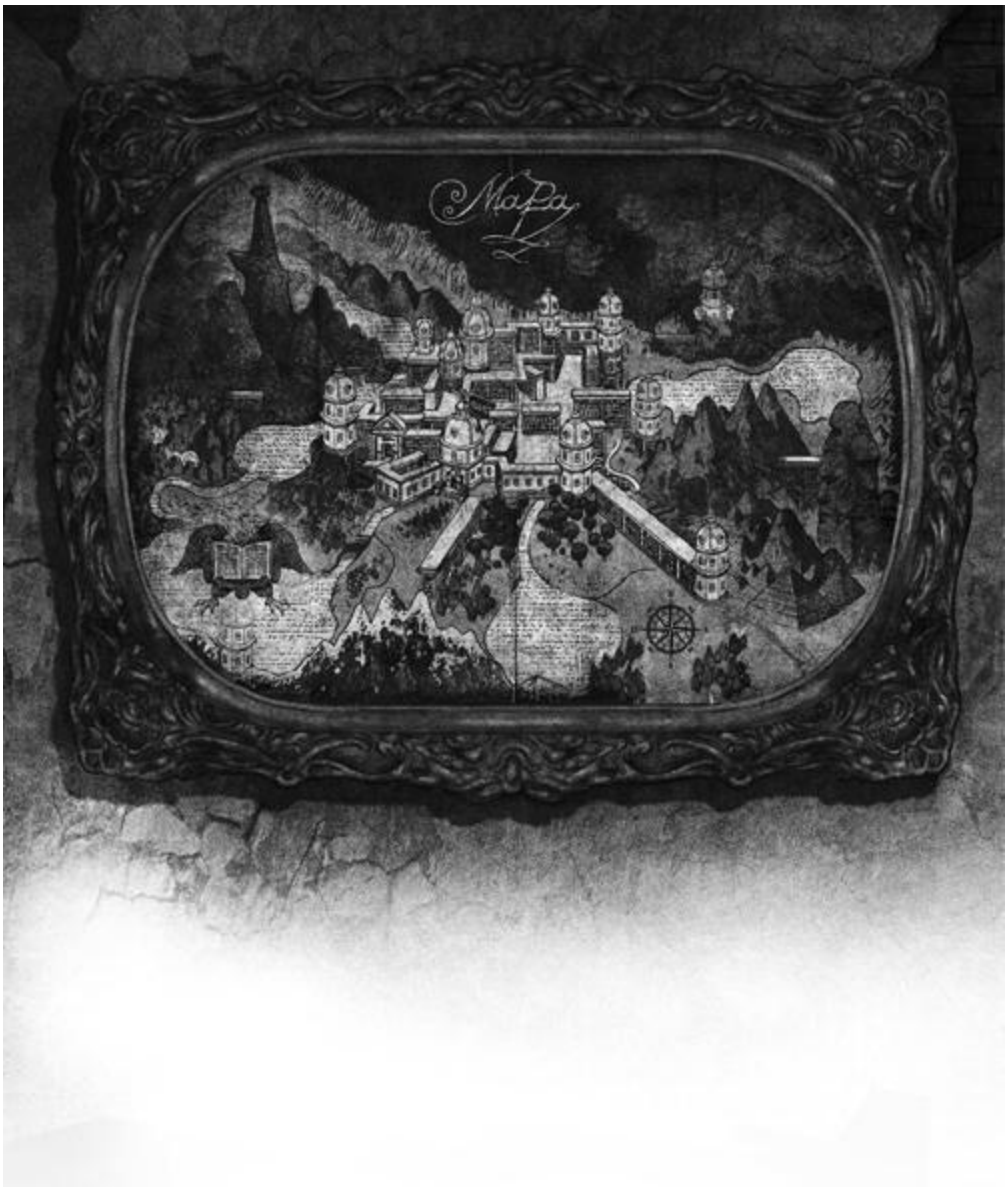
Continuei explicando para Rony-X apenas os poucos sinais que eu me sentia capaz de entender. Era incrível que existisse tanta coisa dentro dela: rios, montanhas, vales… Só dava para ter certeza de que se tratava do interior da biblioteca porque sempre havia livros em todas as partes, ora formando pequenas pontes, ora pilhas imensas, que tanto poderiam ser montanhas de livros como de picos reais. Havia algumas indicações, como toca do lobo, parque das abelhas selvagens, fundo do poço e tanque da baleia devoradora de camundongos, demonstrando que poderia haver vida animal por ali.

— Gostei do mapa — disse Rony-X. — Quero visitar todos esses lugares.

Talvez ele não tivesse compreendido que aqueles lugares

PODERIAM

ser bastante perigosos.



— Não tenho certeza se eu gostaria de fazer isso — respondi.

— Pois eu acho que sei por onde gostaria de começar — disse ele apontando para um ponto do mapa.

Quando eu olhei para onde ele indicava, fiquei surpreso. Se fosse o que eu imaginava, talvez o desejo de Rony-X se tornasse realidade.

17

Aprendendo o caminho

O ponto no mapa indicado por Rony-X se destacava de todo o restante. Estava cercado por um grande e irregular círculo vermelho, certamente feito à mão. Parecia que quem o fizera se esforçara para alcançá-lo, pois a imagem estava no alto do mapa; somente a base do círculo parecia bem-feita. Deveria ter sido desenhado por alguém baixinho.

Dandy! Teria sido ele?

De uma dúvida passei à quase certeza. No local circulado estava escrito:

NINHO DO GRIFO

. Agora, eu começava a juntar algumas peças. Dandy estava realmente

CAÇANDO

o Grifo, e não sendo

CAÇADO

. Certamente procurava pelos ovos de ouro.

Imaginei que aquilo deveria ser inviável: atravessar a biblioteca, tentar pegar os ovos daquele monstro, conseguir retornar e, depois, ficar esperando dez anos até que abrissem a porta novamente. O pior era que, pelo jeito, ele ainda não tivera sucesso.

Para mim, nada daquilo fazia sentido, mas eu descobri uma coisa, ou melhor, duas: primeira, que era uma aventura bastante perigosa e, segunda, que eu

SABIA

onde Dandy poderia estar. Queria esquecer aquela situação e fiquei inventando mil desculpas, mas não me conformava em ficar parado no saguão pelos próximos dez anos.

Dandy já poderia ter saído dali. Ele deixou muito claro que conhecia todo o ritual da biblioteca.

É, não tinha jeito, o melhor era seguir minha consciência e ir atrás do estranho homenzinho, descobrir o que se passava e, possivelmente, tentar salvá-lo. Olhei para Rony-X e perguntei:

— Você realmente gostaria de ir até esses lugares?

— Sim. Se está com aquele círculo, é porque deve ser importante, não é? E o que é importante sempre é interessante, certo?

— Não sei — respondi. — Pode ser também um pouco assustador. — Olhei para o mapa e avaliei mentalmente por tudo que teríamos que passar até encontrarmos Dandy. — Mas e se para chegar nesse lugar tivéssemos que atravessar um pântano de areia movediça, um deserto cheio de cactos pontudos e sabe-se mais lá o quê. Você não teria medo?



— Nunca vi um cacto na minha vida.

Para variar, fiquei sem saber se aquilo era uma resposta positiva ou não.

— Então, acho que está tudo bem. Vamos até lá, até o ponto vermelho… e retornamos, se tudo der certo.

— Oba!

Parecia que Rony-X tinha acabado de ser convidado para tomar um sorvete de morango “simulado”, que é muito mais gostoso do que o “atrevido”, mas fiquei feliz; pelo menos, eu não teria que passar por tudo aquilo sozinho.

Procuramos por alguns objetos que pudessem ser úteis durante aquela jornada. Foi muito bom, no fim das contas, que os homens tivessem largado tantas coisas para trás. Consegui pegar um cantil, um casaco e até uma bússola. Arrumei tudo dentro do alforje de Dandy, de forma que acomodassem e protegessem o ovo. Decidi levá-lo comigo, talvez fosse importante.

— Agora, precisamos estudar o mapa direitinho para não nos perdermos. — Eu pretendia entender as direções, mas, pelo que já tinha visto, tínhamos que seguir sempre para o norte. Após o deserto, encontraríamos, no alto de um pico, o tal do ninho.

— Pode deixar que eu já decorei o mapa — disse Rony-X.

— Como assim? — perguntei.

— Ué, olhei para ele e decorei todos os desenhos.

Incrédulo, pedi a ele que ficasse de costas e me contasse o que tinha visto. Ele me olhou com a cara mais estranha do mundo, como se eu não soubesse o óbvio, mas deu um sorrisinho, virou-se e descreveu o mapa com todos os mínimos detalhes. Quando terminou, olhou para mim e disse:

— Pronto! Satisfeito?

Então, Rony-X pegou sua mochila e partiu em direção ao lago como se tivesse habitado o local por toda a sua vida.

Receita de bolo de cenoura fofinho

Ingredientes

Para o bolo:

3 cenouras grandes

4 ovos médios em temperatura ambiente

1½ xícara de óleo de girassol

3 xícaras e ¼ de farinha de trigo

2 xícaras de açúcar

1 colher (sopa) de fermento químico para bolos

1 pitada de sal

Óleo para untar a forma

Farinha para polvilhar a forma

18

O túnel

Foi estranho chegar ao lago. As minhas recordações daquele lugar não eram boas. Olhei para o alto temendo que o Grifo surgisse a qualquer momento. Fiquei em dúvida se a decisão de ir atrás dele tinha sido acertada.

— Pronto — disse Rony-X. — Chegamos ao lago.

Sim, e eu achei aquilo um grande marco. Até ali, sabíamos o que existia de fato. Poderíamos retornar facilmente e encontrar abrigo nos salões que conhecíamos. De agora em diante, a única referência era a de um mapa, que, pensando bem, não deu nenhuma garantia de ser confiável.

— Se quisermos chegar no lugar circulado, temos que virar à esquerda no final daquele corredor — apontou Rony-X para uma passagem que se iniciava entre duas paredes de pedra.

— Então vamos lá — respondi respirando fundo.

Eu tinha feito algumas anotações, copiei o mapa até onde pude, mas Rony-X parecia bastante seguro em relação ao caminho a seguir. Antes de prosseguir, olhei para trás para garantir uma visão de um lugar familiar.

Entramos no corredor. Ele era gelado e um pouco escuro. Só dava para continuar porque um pouco da claridade da área do lago o atingia. Era uma espécie de túnel, ao longe podia-se ver a saída, iluminada por uma luz tênue.

— Nossa, este lugar está escorregadio.

Rony-X tinha razão, o túnel era um pouco úmido.

— Vamos nos apoiar nas paredes. Assim, escorregamos menos — falei.

Havia muito limo no chão e tudo se tornava cada vez mais liso.

— Estou tentando, mas… — de repente, Rony-X caiu no chão.

Percebi quando o vulto dele desapareceu diante de mim. Fiz menção de segurá-lo, mas, em seguida, também me desequilibrei e caí. Se eu tivesse

apenas caído, tudo estaria certo, mas, imediatamente, comecei a deslizar sem controle. Escutei os gritos do meu amigo:

— Socorro! Socorro!

Tudo ficou íngreme e a minha velocidade apenas aumentava. Aquele túnel não era reto, como eu imaginara, mas perigosamente inclinado. Tentava me segurar em qualquer coisa, mas não havia nada que pudesse me deter. Tudo que eu tentava pegar, rasgava. Compreendi então que, embora as coisas tivessem a aparência de rochas ou pedras, tudo era de papel. Milhares ou milhões de livros empilhados que foram cobertos, ao longo do tempo, por plantas, poeira, mas, no fundo, eram frágeis pedaços de papéis.

Não tive outra opção: também gritei por socorro.

Um filete de água corria por baixo do meu corpo e me arrastava junto com ele. A saída se aproximava e era muito larga. Ao longe, parecia um pequeno buraco levemente iluminado, mas, quanto mais nos aproximávamos, maior ele ficava, assemelhando-se à saída de uma caverna.

De repente, ouvi claramente seu grito se transformar num eco, que foi ficando cada vez mais distante até sumir por completo. Aquele silêncio me apavorou. Rony-X já tinha deixado aquele túnel terrível e eu não conseguia mais escutá-lo.

Fosse o que fosse, faltava muito pouco para que eu tivesse o mesmo fim e, confesso, nunca senti tanto medo em toda a minha vida.

19

Do outro lado

Atravessei o túnel e foi uma sensação bastante estranha. De repente, o medo se transformou em outra coisa, vontade de viver, de resistir. Fui praticamente tragado para fora dele e me senti bem. Daquele corredor estreito e escuro, saí para um lugar amplo e iluminado. A primeira coisa que fiz foi encher os pulmões de ar.

Eu não havia caído. Pensei que, pela velocidade com que era arrastado, eu iria despencar num abismo, mas não, apenas continuei sendo empurrado para baixo, velozmente. Não conseguia observar tudo que se encontrava ao meu redor, pois a quantidade de água aumentava enquanto eu deslizava.

Certo, pensei, não despenquei mundo abaixo, mas certamente vou me esborrachar em alguma parede, pois, com essa velocidade, não vejo como não me machucar bastante quando tudo isso terminar.

Então, senti que meu corpo não tocava mais em lugar algum, eu certamente deveria estar no ar, voando. Mas foi muito rápido, pois em questão de segundos mergulhei na água. Fui para o fundo, como uma pedra. Juntei todas as minhas forças e retornei à superfície. Quando consegui colocar a cabeça para fora, escutei o seguinte:

— Não foi divertido?

Era Rony-X que me mirava com um grande sorriso no rosto. Olhei ao redor e vi que estava num lago, bem maior que o anterior, e novamente a luz do sol penetrava pelo alto da biblioteca. Não havia telhado. Eu me lembrei vagamente de que havia no mapa um desenho indicando água num nível inferior, mas nunca imaginei que o caminho para ela seria aquela assustadora corredeira.

— Queria ir de novo — disse Rony-X, estendendo a mão para me tirar da água.

— Mas você nem sabe nadar — gaguejei ainda tentando me recuperar. — Quase se afogou no laguinho lá em cima.

— Ué, mas eu aprendi quando vi você nadando.

Pelo jeito, Rony-X tinha uma capacidade de aprendizagem que eu ainda não havia compreendido totalmente. De qualquer forma, encharcado e refeito do susto, olhei para o alto e entendi o que tinha acontecido. Estávamos à beira de um lago que era formado por uma pequena cachoeira. A água vinha da boca do túnel, por onde escapamos, e deslizava por um caminho tortuoso junto à montanha. Sorte nossa que a água que formou o tal lago amparou a queda.

Estávamos vivos e era o que importava. A partir de agora, eu tomaria muito mais cuidado com os lugares por onde pretendia andar.

— Olha o que eu achei — disse Rony-X me mostrando uma fruta vermelha que ele mordia com bastante gosto. — É uma delícia. Acho que caiu desta árvore aqui.

Era uma árvore baixinha, mas carregada com aqueles frutos. Peguei um e comi. Era muito bom, mas cheio de sementes. Como a fome era grande, não dei muita bola para aquilo. Comi alguns e coloquei outros na mochila. Não tinha certeza de quando iríamos conseguir comida novamente.

“E agora, para onde vamos?”, pensei.

— Você não está sentindo algo estranho? — perguntou Rony-X. — Estou meio tonto…

Eu estava um pouco atordoado, porém não achei que fosse algo especial. Relacionei o problema ao recente deslizamento; entretanto, quando vi Rony-X se curvando e em seguida se deitando, fiquei preocupado.

— O que você tem, Rony-X? Dói alguma coisa, será que você se machucou durante a queda?

— Não, estou com sono, muito sono, só isso.

Achei aquilo muito estranho. De repente, comecei a sentir a mesma coisa, um sono estranho, repentino. Instintivamente, procurei um lugar para dormir, sabendo que seria inevitável, foi então que observei ao lado de Rony-X um resto de fruta. Ele não teria parado de comê-la, era um glutão. Até mesmo eu teria comido mais alguma…



Haveria alguma coisa de errado com a fruta? Só podia ser… Ela nos fazia dormir, mas por quanto tempo?

Meus olhos começaram a se fechar, eu tentava resistir, mas era difícil. Porém, quase no último segundo, forcei meus olhos e avistei algo que me encheu de esperança.

20

Razão e emoção

"Se comer, beba!"

Era isso que estava escrito numa pequena placa enterrada no mato. Se eu não tivesse reconhecido aquela caligrafia, não teria dado muita importância: era de Dandy, idêntica à do mapa.

Além disso, havia uma pequena seta indicando a direção do lago. Resolvi arriscar, sem dúvida alguma. Muito sonolento, me arrastei e bebi um pouco de água. Foi como se meu corpo se restabelecesse por completo. Rapidamente enchi as mãos de água e a coloquei nos lábios de Rony-X. Fiquei preocupado, pois eu ainda não havia caído no sono quando bebi e esperava que funcionasse com ele.

— Ei, por que você está me molhando? — disse meu amigo ao despertar.



— Essas frutas… Não podemos comê-las, elas nos dão sono.

— Como é que você sabe? — perguntou ele.

— Por causa daquela placa — indiquei a placa de Dandy para ele. — Assim que reconheci a letra de Dandy, compreendi que poderia haver algo de errado com a fruta. Ela tem alguma coisa que faz a gente dormir… A água quebrou o efeito.

— Esses símbolos realmente se parecem com aqueles que estavam desenhados no mapa.

Não eram desenhos, era a caligrafia de Dandy, mas era melhor não me alongar naquilo. Se, pela sua própria lógica, Rony-X conseguia reconhecer

aqueles sinais, pelo menos ele prestaria atenção sempre que visse algo que tivesse sido deixado por Dandy.

— Acho melhor tomarmos mais cuidado — falei. — Essas frutas podem ser perigosas… Aliás, tudo por aqui deve ser perigoso. Não vamos poder comer mais nada até termos a certeza de que é seguro.

— Você ainda está com fome? — perguntou Rony-X.

— Não, na verdade não!

— Eu também não, mas estava. Quer dizer que, se a fruta matou a nossa fome e depois poderia matar a gente, então é só comer a fruta e, em seguida, rapidinho, tomar um pouco de água como antídoto. Assim, matamos o que estava nos matando sem morrer de verdade — dizendo isso, Rony-X pegou algumas frutas do chão, guardou-as na mochila e encheu um cantil com a água do lago. — Pronto, podemos seguir!

Eu não entendi as palavras dele, mas a lógica sim. E, claro, ele tinha razão. Cada vez mais eu admirava a percepção de Rony-X. Sempre acharam que ele era esquisito, pois fazia as coisas por impulso e do jeito dele, porém, buscando na memória, nunca ninguém relatou que ele tivesse se envolvido em algum grande problema. Esse meu amigo tinha o seu próprio conhecimento e, até agora, havia se provado muito útil.

Já no meu caso, eu não possuía experiência em nada, a não ser na leitura. Se eu não tivesse lido a placa, talvez tivéssemos dormido por ali. O que poderia ter acontecido conosco? Neste lugar, qualquer coisa.

Olhei para Rony-X se embrenhando por uma pequena mata e achei que, de alguma maneira, o conhecimento de um completava o do outro. Acho que ele era a emoção e eu a razão. Se bem que também poderia ser exatamente o contrário.

Enfim, ficar divagando não era o meu forte. Foi por causa disso que um amigo meu foi levado por um maremoto, já contei essa história no meu diário número 3. Era melhor, portanto, começar a caminhar e ver o que iríamos encontrar da próxima vez.

21

Caminhos perigosos

Rony-X nunca se cansava. Era de uma curiosidade e animação que me… cansavam. Enquanto eu, todo preocupado, tentava seguir o caminho do mapa, ele entrava em qualquer lugar e sumia: cavernas escuras, buracos no chão, entradas no mato. Retornava como se ainda estivéssemos na nossa vila.

Sempre gostei de pisar em chão seguro. Depois que caímos no lago, eu perdi um pouco o senso de direção, não conseguia me lembrar direito dos caminhos. Exausto de pensar e correr atrás de Rony-X, me sentei para descansar.

— O que foi? — perguntou ele.

— Estou me sentindo perdido. Não sei para onde ir.

— Oras, para o círculo vermelho!

— Estou sem direção… Para ajudar, perdi a bússola em algum lugar.

— Mas isso é muito fácil — disse ele, colocando a mochila no chão. Em seguida, procurou por um galho e começou a fazer desenhos na terra.

O mapa surgiu novamente diante de meus olhos. Eu tinha me esquecido de que Rony-X o conhecia de cor. Aos poucos, fui identificando tudo novamente. Bastava olhar para os lados e reconhecer alguma pedra, uma montanha. Pronto, eu já sabia onde estava, mas aquilo não era muito reconfortante. Ainda estávamos distantes e o pico parecia ser ameaçador. Se eu fosse um Grifo, pensei, certamente esconderia nele os meus ovos de ouro.

— Pronto — disse Rony-X terminando o desenho —, lembrou?

— Sim — falei.

— Então, vamos embora, quero muito ver como é esse pântano do medo.

Eu não estava tão empolgado com aquele lugar, mas, como não tinha outro jeito, levantei-me rapidamente e segui Rony-X.

Quando me ergui, senti que alguma coisa havia balançado no meu alforje. Lembrei-me do ovo e temi, por um momento, que eu o tivesse quebrado. Fui verificar, esperando encontrar o maior dos estragos, mas não, ele permanecia inteiro. Foi interessante notar que o ovo estava quente. Acho que o calor do meu corpo e a pressão de tudo o que estava no alforje o mantinham aquecido. Se era algo bom ou ruim, eu ainda não sabia.

"Pior do que está não pode ficar."

Prosseguimos no nosso caminho, e quanto mais andávamos, mais eu descobria que seguíamos para um lugar inóspito.

Havia várias placas escritas com a letra de Dandy.

VOLTE

PERIGO

ESQUEÇA ESTE CAMINHO

NEM TENTE

Bem, depois da experiência no lago, achei que os avisos de Dandy deveriam ser levados a sério. Talvez fosse uma boa ideia dar meia-volta e procurar outro caminho.

Porém, só me restava correr atrás de Rony-X, o que se tornava cada vez mais difícil. Quanto mais nos aproximávamos do tal pântano, mais molhado o chão ficava. A sorte é que as raízes das árvores tornaram-se evidentes, pois parecia que elas tentavam crescer acima do solo para escapar da água, criando pequenas pontes. Ao mesmo tempo, podiam ser perigosas, pois os pés se enroscavam por entre elas.

E tudo ia complicando, o chão, literalmente, desapareceu. Agora só restavam as raízes entrelaçadas. Eu estava tão preocupado em observar por onde pisava que tinha me esquecido completamente de olhar para a frente. Mas nunca, nem no meu mais remoto pensamento, eu iria acreditar no que veria em seguida. Sim, medo, eu estava morrendo de medo e não conseguia mais sair do lugar.

22

Alguém se perdeu

Não entendia muito bem o que estava acontecendo comigo, mas eu realmente não podia mais me mover. O chão sumiu, as raízes se entrelaçaram e ficaram cada vez mais embaraçadas, era difícil escolher um lugar onde o pé não se enroscasse. Tudo ficou mais escuro, porém isso não era o pior. De repente, surgiu um grande lago de água muito escura e parada. Alguns troncos apodrecidos flutuavam e o cheiro não era agradável.

Os livros que me cercavam eram bastante pesados, sujos e traziam títulos ameaçadores como: “A Morte te Espera”, “Uma Maldição Infinita” e outros ainda piores.

O odor, a escuridão, a sensação de não saber onde estava, o silêncio, tudo aquilo me enchia de pavor. O pior de tudo era a solidão. Até aquele momento, eu ainda não havia percebido como era ruim ficar sozinho. A companhia de Rony-X, embora meio confusa e desorganizada, era muito importante. Só agora que eu o tinha perdido completamente de vista percebi como sentia a falta dele.

“Onde ele está?”, pensei me sentindo culpado. Se tivesse acontecido alguma coisa com ele, eu jamais me perdoaria.

Reuni o pouco de coragem que me restava e tentei procurar por uma saída, mas, quando olhei para trás, descobri que o caminho havia se modificado completamente. Era como se os galhos das árvores tivessem crescido e transformado toda a paisagem.

Decidi me esticar na ponta dos pés para tentar visualizar o ambiente, mas por que eu fui ter uma ideia tão absurda? Meu pé deslizou da raiz em que me apoiava e caí diretamente no lago. Porém, não exatamente na água, eu podia sentir algo meio mole. Como em um passe de mágica, todas as árvores se afastaram e eu perdi qualquer possibilidade de apoio.

Então, de repente, me vi circundado por um monte de areia escura, parecia lama, mas se movia. Sim, outro pesadelo: aquilo era areia movediça. Eu já tinha lido sobre isso em algum livro, mas nunca imaginei que um dia cairia nela. Eu estava preso até a altura dos joelhos. Com pouca mobilidade e sem ter onde me apoiar, o pavor se acentuou. Gritei com força:

— Socorro! Socorro!

Nada, nenhum sinal ou resposta. Era muita pretensão minha achar que, num local onde até mesmo as árvores tinham se afastado, alguém viesse me socorrer. Para piorar, os meus movimentos fizeram com que eu afundasse um pouco mais. Até mesmo a respiração me puxava para baixo. Cada vez que eu inspirava, aquela lama se abria para me engolir.



Fechei os olhos e tentei me acalmar, mas a areia pinicava minha pele, fazia cócegas e, de alguma maneira, me pressionava a fazer movimentos bruscos que me levassem de uma vez por todas para o fundo.

Agora, eu já estava com a areia movediça pela cintura. Será que esse teria sido o fim de Rony-X? Chorei e, claro, isso me afundou ainda mais. De repente, senti o alforje se mexer, era o ovo novamente. Não era possível. Eu, no maior esforço para me manter sobre a superfície, começava a ser tragado em razão dos movimentos de um ovo.

Era muito azar.

Comecei a ter pensamentos negativos e me lembrei de tudo o que aconteceu com a sereia maldita, uma história muito triste que está descrita no diário número 7. Também me lembrei do dia em que tivemos dois Sóis, caso que narrei no diário número 15.

O fim se aproximava. Eu já estava com a areia na altura do pescoço. Quando cobrisse meu nariz, não teria como respirar… Faltava pouco, muito pouco. Como eu não tinha alternativa, resolvi gritar mais uma vez. Quem sabe se por ali não haveria alguém perdido, uma pessoa que conseguisse me tirar daquela confusão.

Gritei com todas as minhas forças, e foi aí, exatamente, que aconteceu…

23

A dupla perfeita

Eu pensei que estava ouvindo um eco do meu próprio grito, mas não, o meu tinha sido longo, de horror. Praticamente uma única vogal que se estendeu o máximo que pôde. Porém, ouvi outro som, estranho. Era humano, com certeza, e não era um berro de desespero. Parecia até que a pessoa estava se divertindo.

Afundei um pouco mais. A areia já estava na altura do meu queixo. O som se aproximava e, agora, eu conseguia entendê-lo melhor.

— Urraaaaa!!!!!!! Iupiiiiii!!!!! IEEEEEEEEEIIIII!

Não havia dúvida, era um grito de diversão. Às vezes, vinha intercalado com alguma risada, mas eu não conseguia entender como é que alguém poderia ver alguma graça num lugar como aquele.

A não ser que…

Era isso. Uma sombra apareceu sobre a superfície do pântano e eu logo a reconheci: Rony-X. O que eu não conseguia imaginar, de jeito nenhum, era como ele estava projetando sua sombra daquela maneira. Ele precisaria estar muito alto para…

— Iupiiii!!! Iupiiii!!!!

E foi então que ele surgiu, todo feliz, pendurado num cipó. Como eu não podia mover a cabeça, foi muita sorte que ele aparecesse exatamente diante de mim. Ele balançava alegremente de um lado para o outro. Não conseguia entender como é que ele podia fazer aquilo, sem se preocupar com o perigoso pântano que havia logo abaixo dele. Que tipo de animal ou peixe feroz poderia haver naquelas águas paradas?

Eu me enchi de esperança de que ele pudesse me ajudar a sair dali. Usando minhas últimas energias, pedi ajuda bem baixinho:

— Socorro!!

Ele pareceu não me ouvir. Então, realmente gritei:

— Socorrooooooooo!! — E, pronto, minha boca foi coberta pela areia movediça.

Porém, meu esforço não tinha sido em vão. Rony-X parou e ficou balançando no meio do pântano, tentando localizar de onde vinha o som. Eu não sabia mais o que fazer. Torci para que ele olhasse na minha direção, me fizesse um sinal, qualquer coisa. Então, para minha sorte, ou azar, o ovo se mexeu fortemente na mochila, fazendo com que a areia se movesse. Foi o suficiente. Como estava em posição elevada, Rony-X conseguiu verificar a origem daquele movimento. Fiquei cheio de esperança; entretanto, o que o garoto fez em seguida me decepcionou.

Ele simplesmente largou o cipó e mergulhou no lago. Achei que a sorte dele finalmente acabara. Aguardei por um som forte na água, do tipo

TCHIBUM

. Eu havia fechado os olhos para não ver meu amigo se afogar, já me bastava ter visto um deles sendo devorado por um tigre, diário número 5, mas, como nenhum som surgiu, resolvi abrir os olhos lentamente.

Tive uma enorme surpresa quando vi os pés de Rony-X.

— O que você está fazendo aí? — perguntou ele da forma mais natural do mundo.

Como é que ele não afundava, uma vez que estava praticamente do meu lado?

— É quente aí? Estou com um pouco de frio… Você precisa vir brincar com os cipós, é uma delícia. Quando vim para cá, no meio daquelas árvores, eu encontrei um deles caído e comecei a saltar de lá para cá. Tem um montão por aqui. Fazia tempo que eu não encontrava um lugar tão divertido.

Fiquei furioso. Eu ali, quase sem respirar, e ele dizendo um monte de bobagens.

— Você vai falar comigo ou não vai?

Eu sabia que ele era bem desligado, mas como é que ele não notava que eu estava ali, sendo sugado para o fundo da terra, morrendo sufocado, desaparecendo do mapa? Enfim, havia milhões de maneiras para que ele imaginasse o que se passava comigo, mas não, ele simplesmente ficou me olhando, querendo que

EU

puxasse assunto. Então, de supetão, reunindo toda a raiva que estava acumulada, me ergui e disse:

— Será que você não percebe que eu estou quase sem respirar?

Foi então que eu constatei que havia algo realmente errado. Se há poucos segundos eu estava quase soterrado, onde foi que eu encontrei força para sair daquela situação?

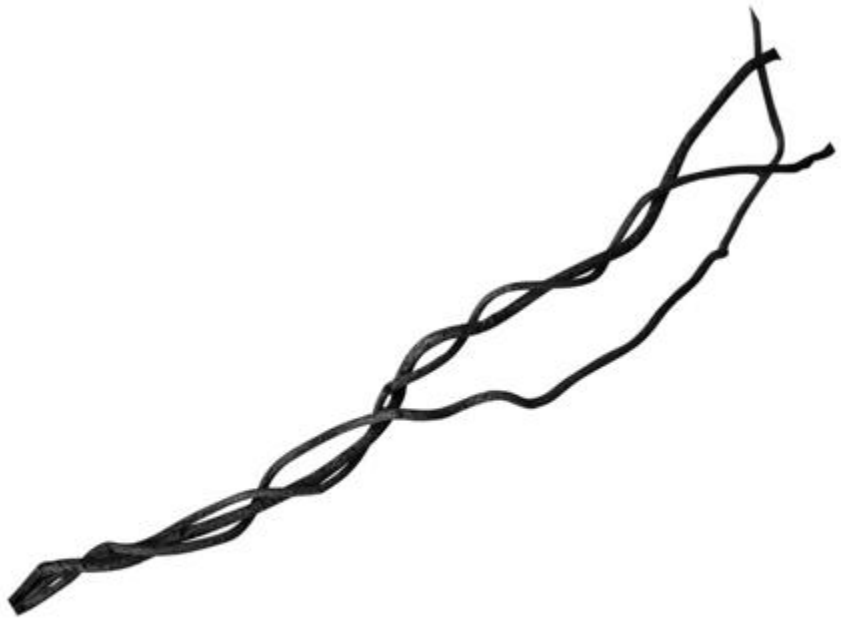
— Calma, não precisa gritar comigo! — prosseguiu ele calmamente. — Só queria saber se estava gostoso brincar nesse monte de areia. Parece tão fofinho. — E, sem dizer mais nenhuma palavra, ele simplesmente entrou no lugar em que eu estava e escavou como se fosse criança.

Confuso, comecei a andar pelo pântano. Minha raiva foi passando e, muito lentamente, voltei a sentir calafrios pelo corpo. Senti que meu pé afundou na lama. O cipó onde Rony-X se divertia me pareceu ameaçador. Voltei-me e vi que meu amigo se divertia tranquilamente na areia movediça.

— Não! — gritei.

Novamente, ao ficar nervoso, consegui liberar meu pé. Será que era aquilo, bastava ficar irritado? Mas Rony-X estava feliz, então…

Como tudo naquela biblioteca acontecia por uma razão, refleti sobre os primeiros acontecimentos desde nossa chegada no pântano. O caminho se tornou difícil, os nomes dos livros que nos cercavam eram ameaçadores e eu me entreguei ao medo.



Rony-X não sentiu pavor, pois, além de não entender os títulos dos livros, ele gostava de tudo o que não conhecia.

O segredo era esse, então: para sair do Pântano do Medo, bastava não… sentir medo. Por isso que a raiva me tirou da areia movediça. Foi como se tudo clareasse de repente. Olhei para Rony-X se divertindo e observei algo completamente diferente. A areia era fina, como se fosse de praia, na qual era possível fazer castelos, se enterrar, brincar. Tudo aquilo era fruto da minha imaginação, eu não podia deixar o medo me dominar.

Imediatamente, o pântano se transformou numa lagoa tranquila, rasa. As árvores ficaram cheias de flores. Os livros, porém, não mudaram, continuaram com seus títulos ameaçadores. Entendi que qualquer distração ou pensamento negativo me levaria de volta para aquele mundo sombrio e eu poderia realmente desaparecer nele para sempre.

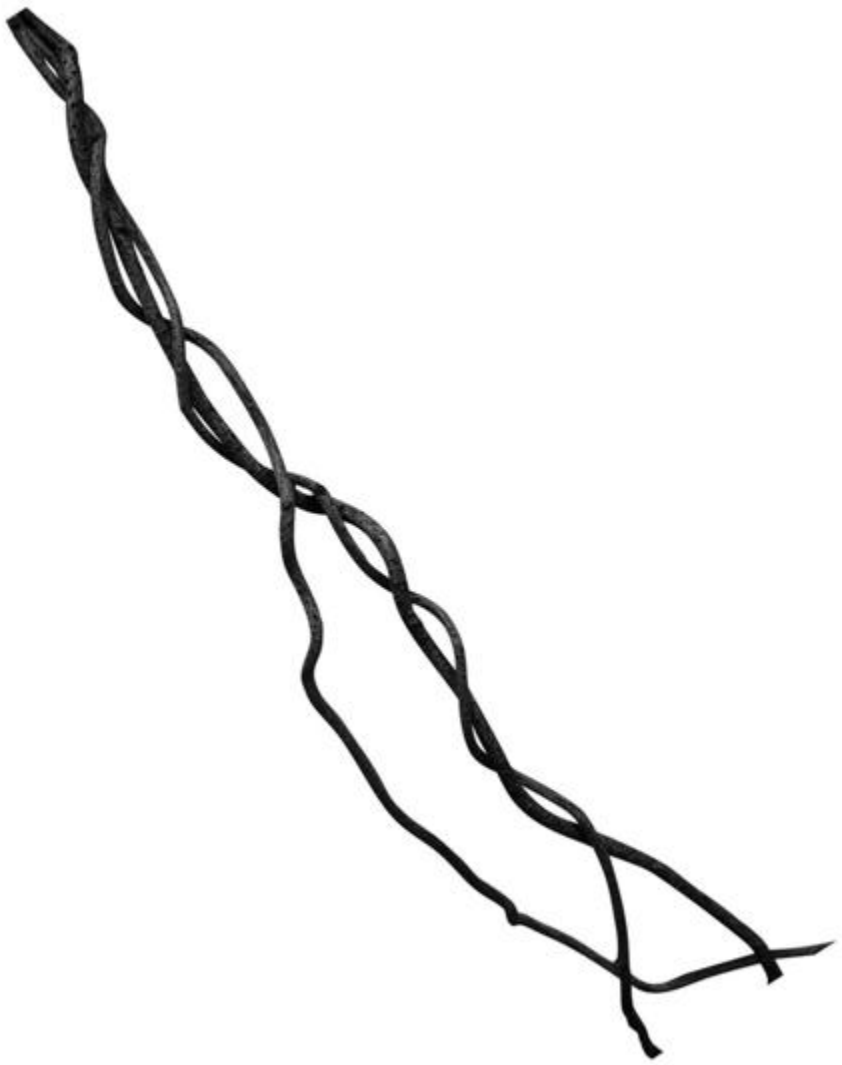
A biblioteca era muito mais perigosa do que eu poderia imaginar. Era hora de sair dali. Fui até Rony-X e o chamei para irmos embora. Ele reclamou um pouco. Queria que eu fizesse um castelo com ele, mas não havia tempo.

Acho que nós realmente estávamos nos ajudando naquele mundo. Ora Rony-X me salvava, ora eu o ajudava. Nosso destino estava completamente conectado.

O ovo se mexeu em minha mochila. Aquilo estava acontecendo com uma frequência cada vez maior.

Finalmente conseguimos nos recompor para continuar o caminho. Rony-X se pôs de pé e eu havia me limpado nas claras águas do lago. Agora, era retomar a jornada.

Rony-X indicou o caminho a seguir. De repente, uma nova placa surgiu diante de nós e voltei a ter um leve calafrio na espinha:



VOCÊ ESTÁ SAINDO DO PÂNTANO DO MEDO. ESPERO QUE TENHA APRENDIDO A CONTROLAR O SEU DE VERDADE, POIS VOCÊ NÃO IMAGINA O QUE TE ESPERA A SEGUIR. SAUDAÇÕES, DANDY.

24

O Vale do Grifo

Quando deixamos o pântano, senti uma espécie de alívio e insegurança. Tinha sido realmente fácil escapar de lá, bastou esquecer o medo. O chão se firmou, as árvores deixaram de ser ameaçadoras e até pulei de cipó em cipó para me divertir. Porém, ao mesmo tempo, o local era extremamente perigoso e poderia ter sido meu túmulo. Se Rony-X não tivesse aparecido, eu teria morrido sufocado. Cada vez mais eu entendia que me encontrava em um mundo onde uma linha bastante delicada dividia o real do imaginário, e isso era o mais difícil de enfrentar: eu poderia me expor a algo real e me dar muito mal, achando que era imaginário, e vice-versa.

Acho que tinha sido uma grande sorte que tivéssemos conseguido chegar até ali inteiros.

— Falta pouco agora — disse Rony-X, me tirando do meu pensamento. — Depois que terminarmos esta estrada, chegaremos ao Vale do Grifo.

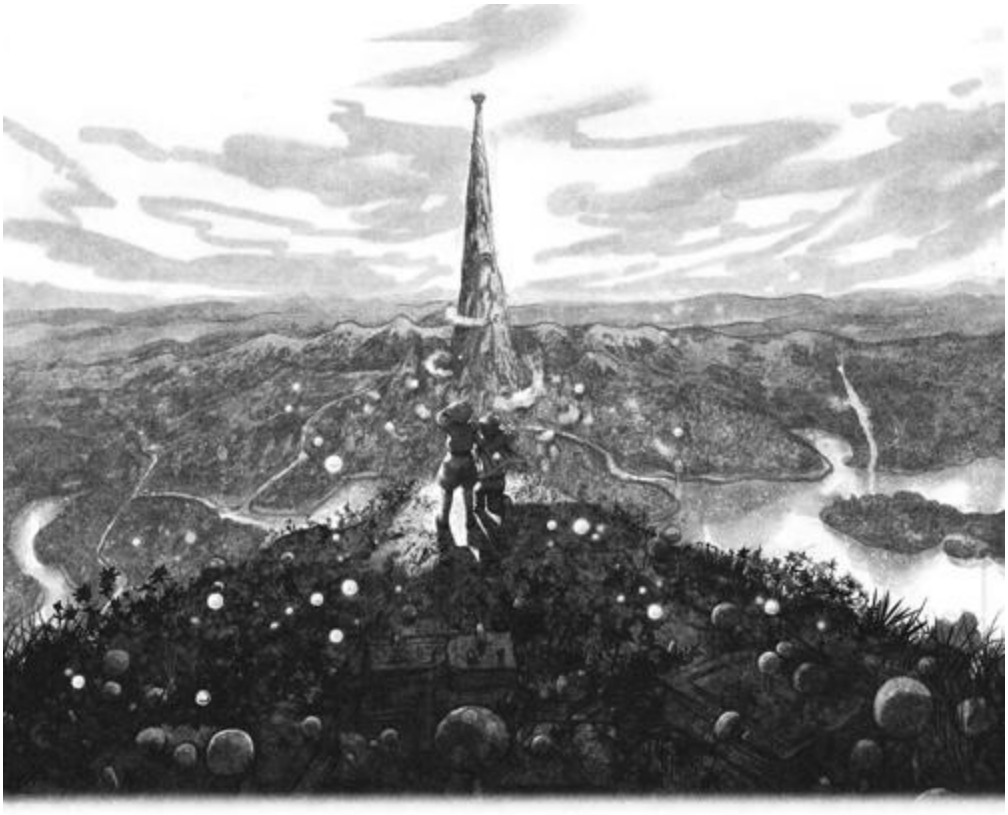
Sim, finalmente estávamos chegando. A estrada que seguíamos era cercada por livros. Havia alguns tão grossos que iriam fazer a alegria de muita gente na vila. E foi olhando para eles que senti, de verdade, muita saudade dos meus pais. Será que eles estavam sentindo a minha falta? Teriam tentado me procurar, me salvar, ou nem teriam percebido a minha ausência?

Eu realmente não queria estar naquela situação. Lembrei-me do que aconteceu no diário número 17. Até o início da tarde, o dia tinha sido inteiramente normal, mas, de repente, se transformou numa enorme calamidade em razão de um furacão gigante que veio para nossa vila. Aliás, foi ele que levou os diários números 5 e 13. Acho que, se alguém encontrá-los qualquer dia, deverão estar muito borrados.

O que interessava agora era o fato de que eu finalmente havia chegado às portas do Vale do Grifo.

— Nossa! — gritou Rony-X. — Que lugar incrível!

E eu tive que concordar. A estrada terminava à beira de um precipício e, de onde estávamos, podia-se avistar um vale imenso, com rios, florestas e até alguns animais estranhos que se escondiam atrás de livros ainda mais grossos do que os que eu tinha verificado pelo caminho. Além disso, praticamente no centro de tudo havia um pico de base bastante larga, mas que ia se afinando, adquirindo o formato de uma agulha. Bem no alto dele, o ninho do Grifo. Era exatamente igual ao que eu me recordava do desenho no mapa.



Rony-X se sentou para ficar admirando a paisagem. Eu não conseguia ver se o Grifo estava no ninho. Fiquei com medo de que ele aparecesse novamente sobre nossas cabeças. Ali, onde estávamos, realmente não era possível permanecer. Já tínhamos chegado tão longe, não seria um

desfiladeiro de centenas de metros que iria nos impedir. Procurei um meio de descer e, para minha surpresa, era o mais óbvio possível.

Os livros!

Eles formavam uma espécie de escada natural. Toda aquela montanha em que estávamos era formada por livros, de todos os formatos e tamanhos imagináveis. Bastava tomar cuidado para não errar o local em que iríamos apoiar o pé, que tudo daria certo.

— Vamos — chamei Rony-X. — Acho que encontrei um jeito de descermos.

Ele não me pareceu interessado em deixar o seu belo ponto de observação, mas, assim que iniciei a descida, ele veio atrás de mim. Descobri em seguida que foi muito mais fácil ter aquela ideia do que executá-la... Havia muita umidade e algumas páginas estavam bastante escorregadias. Era preciso precaução para não escorregar e se esborrachar no fundo do vale.

— Tome cuidado, Rony-X — falei. — Aqui é bastante perigoso.

Achei excelente que eu tivesse tomado a dianteira. Antes de cada passo eu analisava o próximo livro, o tipo de papel, se ele estava apoiado sobre algum outro ou se pendia perigosamente. Vi alguns exemplares simplesmente despencarem rumo ao vale. O principal era não olhar para baixo. Como íamos muito devagar, eu tentava apenas enxergar o próximo degrau, o livro que estivesse imediatamente abaixo do nosso.

Porém… De repente… Algo começou a me atrapalhar, a tirar o meu precário equilíbrio.

— Veja só, Tobias — disse Rony-X. — Seu alforje está se mexendo.

Sim, era o ovo. Mais do que nunca ele se movia, parecia querer saltar para fora. O meu equilíbrio ficava cada vez mais prejudicado. Eu me agarrava às folhas, às capas duras e até aos pedaços de fios.

“Isso não pode estar acontecendo”, pensei.

Então, de repente, tudo escureceu.

— É ele! É ele! — gritou Rony-X.

O Grifo surgiu. Sua sombra era projetada sobre a parede do desfiladeiro e, ora sim, ora não, nos colocava no escuro. Pareceu-me que ele ainda não nos avistara, pois o seu voo mudava de altura frequentemente. Como eu não queria ser atacado por ele naquela situação, procurei acelerar a descida.

— Silêncio — sussurrei para Rony-X, mas aquilo foi a pior coisa que eu poderia ter feito. Ele, em seguida, gritou:

— O que foi que você disse? Não consegui entender.

Pronto, se o Grifo tinha dúvidas de que existia alguma coisa esquisita em seus domínios, agora não tinha mais. O monstro deu um grande grito, igual ao que eu ouvira na biblioteca, e percebi quando a sombra começou a se aproximar perigosamente. Ficava cada vez menor, ou seja, ele estava perto.

Era o fim, eu sabia, daquela vez não havia nada que eu pudesse fazer.

25

Um segredo revelado

— Rápido, me dê a sua mão!

De cabeça baixa, enfiado entre algumas páginas de um livro macio, aguardando o ataque final do Grifo, a última coisa que eu poderia esperar era escutar uma voz conhecida.

— Se não me der a sua mão agora, você não vai ter outra chance.

Bem, como aquele não era um momento para discussão, estiquei minha mão para a outra que se estendia pouco abaixo do local onde eu estava. Ao pegar nela, senti meu corpo ser rapidamente arrastado para dentro de um buraco.

— Tem o Rony-X, ele não pode ficar lá fora sozinho — gritei.

— Calma, fique tranquilo. Já vou salvá-lo também — nem terminou de dizer isso e, assim como eu, meu amigo foi arrastado para dentro daquele local.

E foi na hora certa, vi claramente os pés do Grifo se fechando, tentando nos agarrar. Foi mesmo por um triz.

— Prontos, sãos e salvos.

Eu não podia acreditar, era ele, ali, na minha frente, perfeito, sem nenhum arranhão e aparentemente feliz: Dandy!

— A gente estava te procurando, sabia? — disse Rony-X, terminando de limpar restos de barro do pântano que estavam em sua bota.

Eu estava realmente surpreso, me perguntando como ele tinha conseguido se salvar, que lugar era aquele em que estávamos e mais um monte de questões, mas ele simplesmente olhou para o alforje e disse:

— Você trouxe! Que maravilha! — Então, ele o tomou, abriu e seu olhar brilhou ao descobrir o ovo. — Que beleza. Inteiro, seguro!

— Acho que não vai ficar assim durante muito tempo — falei, tirando-o de seu transe. — O que quer que seja que esteja aí, está aflito para sair. Veio pulando durante toda essa jornada que fizemos…

— Sim, eu sei. Por isso estava muito preocupado. Tenho que ser a primeira coisa que ele vai ver. Aí, sim, ele será meu e vai me obedecer eternamente.

— E o que é que vai sair daí, afinal de contas?

— Um Basilisco! — disse Dandy, enrolando o ovo com várias páginas de livros para mantê-lo aquecido.

— Um o quê?

— Um Basilisco, o maior inimigo do Grifo. Somente ele vai poder enfrentar e matar esse ser maligno.

— E por que você quer matar o Grifo? — perguntou Rony-X. — Ele até que me parece bacana.

— O Grifo já tentou nos matar várias vezes, esqueceu? — perguntei. — Como é que você pode achar que ele é "bacana"?

— Oras! Ele não nos matou, então não deve ser tão ruim.

Talvez existisse alguma lógica naquela resposta, para variar. Dandy, por exemplo, já vivia com o Grifo há muito tempo e não tinha medo algum; muito pelo contrário, sempre tentava capturá-lo. Se o Grifo quisesse matá-lo, já o teria feito há muito tempo.

— Enquanto ele estiver vivo, não vou conseguir o que eu quero, ou seja, os ovos, os ovos de ouro — disse Dandy. — Há milênios o Grifo vem colocando essas preciosidades naquela montanha, que deve estar forrada deles. Mas ninguém consegue se aproximar. Assim que eu conseguir eliminá-lo, vou retirar todos os ovos e ser rico, muito rico.

Aquilo me incomodou um pouco. Alguém realmente precisa de uma montanha de ouro, ainda mais à custa de uma vida? Olhei para o Grifo, que sobrevoava o vale, e, assim, de longe, ele não me pareceu tão perigoso. Talvez estivesse apenas defendendo o que lhe pertencia, afinal

NÓS

éramos os invasores. Eu nunca havia matado nada e não queria participar daquilo.

— Bem, só viemos procurar você e ver se está tudo bem. Pelo jeito… — respondi — está. Acho que podemos voltar para o salão da biblioteca e ficar por lá até que alguém abra novamente a porta.

— Não — disse Dandy. — Eu preciso de vocês. Como é que vou carregar todo esse ouro sozinho?

— Mas não vamos ter para onde levar essa montanha de ouro — falei. — Quando a biblioteca abrir, a gente chama mais gente e…

— Não, isso não pode acontecer nunca — gritou Dandy. — Esse ouro tem que ser meu, meu, meu, todo meu.

Senti algo estranho quando ele disse isso. Pareceu em transe.

— Não sei como vamos conseguir levar este ouro por todo o caminho — disse Rony-X. — Vai ser difícil subir com ele por esta montanha.

— Não precisa se preocupar com isso — riu Dandy. — Podemos sair daqui a hora que quisermos, basta…

Aquilo me interessou muito. Que história era aquela de que poderíamos sair a qualquer momento? Quando eu ia começar a fazer essas perguntas, o ovo estralou e Dandy voltou toda a sua atenção para ele.

— Falta pouco, muito pouco — disse ele. — O meu Basilisco vai nascer e finalmente conseguirei o que desejo.

Observei a caverna em que estávamos e me pareceu que ela era bastante profunda. Ao fundo, percebi alguns túneis, talvez fossem saídas, ou armadilhas…

— Queria ir embora agora — falei.

Dandy então virou-se para mim e disse de uma forma muito estranha:

— Vocês não têm escapatória. Ou me ajudam ou vão ficar aqui para sempre.

— Eu não me incomodo em ajud… — começou Rony-X, mas eu o interrompi.

— Não viemos aqui para matar qualquer coisa. Só queríamos um livro pesado, grosso.

— Isso é uma estupidez, usar livros como o povo da vila faz… — gritou ele. — Livros servem para outra coisa, conhecimento, aventura, eu sei tudo o que acontece por aqui…

— Você gosta de ler? — espantei-me.

— Claro que sim. Acabei aprendendo nos últimos dez anos, e foi assim que aprendi a lidar com o Grifo e com o Basilisco. É só saber o que procurar. Demorei para entender que os livros não servem somente como suportes de mesa. E vocês não têm saída, ou me ajudam ou…

— Pois eu não quero ovo nenhum e não vou ajudá-lo a matar o que quer que seja — falei. — Quero ir embora!

— Acha realmente que vou deixar vocês irem embora agora que sabem como chegar até o

MEU

ouro?

Ele veio em minha direção de forma ameaçadora. Fiquei mesmo com medo, porém, outra vez, o ovo deu um estalo e aconteceu algo que de fato mudou completamente a minha vida.

26

Papai?

— O ovo está quebrando — gritou Dandy, correndo na direção dele e me deixando em paz. Respirei aliviado, pois não gostei nem um pouquinho da maneira como ele me olhou.

— Precisamos tentar sair daqui — falei para Rony-X. — E agora que Dandy está distraído, é a nossa chance.

— Queria ver o que vai nascer — respondeu meu amigo.

— Esqueça, não temos tempo para isso.

A casca do ovo começava a rachar. Torci para que aquilo demorasse bastante para acontecer. Concluí que teríamos que arriscar uma fuga por um dos túneis escuros que eu havia descoberto.

— Depois que o meu Basilisco nascer — disse Dandy, olhando fixamente para o ovo —, eu vou cuidar de vocês dois.

Comecei a me aproximar do fundo da caverna, mas, de repente, meu pé escorregou em algumas páginas molhadas e deslizei rapidamente em direção ao local em que estava Dandy. Se, pelo menos, ele tivesse olhado por um segundo para mim, teria desviado o corpo, me amparado, mas não. Assim, ocorreu o inevitável: eu o atingi com bastante força, empurrando-o para longe. Terminei ficando exatamente no lugar em que ele estava.

— Não! — gritou ele quando sentiu a dor da minha pancada. Foi atirado para longe e, assim que conseguiu, se levantou e correu na minha direção.

Então, aconteceu. O ovo tremeu mais uma vez e uma parte da casca caiu. Fui surpreendido com dois olhinhos me encarando. Era um olhar penetrante de olhos muito vermelhos. Não demorou e o estranho animal terminou de nascer. Eu me afastei, um pouco assustado. Era uma espécie de cobra misturada com dragão. Eu sei disso, pois tive que enfrentar um dragão muito perigoso, conforme já descrevi no meu diário número 9.

— É o Basilisco, ele nasceu — gritou Dandy, claramente decepcionado.

O bicho se aproximou de mim e eu pude observá-lo melhor. O corpo realmente parecia com o de uma cobra e a cabeça era alongada com duas narinas muito largas. Na ponta de sua boca, duas presas pequenas, mas que pareciam ser bastante afiadas. Em sua cabeça havia algo dourado, como uma coroa.

— Nossa, não consigo olhar para ele — disse Rony-X. — Não gostei desse bicho…

Acho que aquela tinha sido a primeira vez que Rony-X disse que não tinha gostado de alguma coisa. Ele realmente desviava o olhar, como se o Basilisco pudesse queimá-lo. Observei que Dandy se comportava da mesma forma. Estava muito preocupado em proteger os olhos.

Eu não sentia qualquer tipo de incômodo, muito pelo contrário. Eu queria olhar para o Basilisco. Pressentia que ele não oferecia nenhum perigo, pelo menos para mim. Ele estava interessado em mim, me cheirou, observou.

— Escute o que eu vou dizer — falou Dandy. — O Basilisco é muito perigoso, ele pode matar apenas com um olhar, é muito venenoso.

— Não consigo acreditar em você — respondi.

— Sim — continuou Dandy. — Você foi o primeiro ser vivo que ele viu. O Basilisco o respeita como se você fosse o pai dele.

Achei engraçado que eu pudesse ter um filho tão diferente de mim.

— Também não gostei dele — disse Rony-X. — Ele parece ser quente.

— Só você pode controlá-lo — prosseguiu Dandy. — Por favor, diga que vai me ajudar, que eu tiro todos daqui, ou então a próxima coisa que vai acontecer é ele devorar a mim e seu amigo. Você quer passar o resto de sua vida preso nesta caverna com seu “filho”?

Quando ele disse que o Basilisco iria devorar Rony-X, fiquei preocupado. Bem, imaginei que, como ele tinha acabado de nascer, deveria estar com fome. Para dizer bem a verdade, não tinha a menor ideia do que ele gostaria de comer.



Rony-X estava com medo dele e eu não queria que ele se sentisse assim. Se eu realmente pudesse controlar o Basilisco, então eu jamais o deixaria machucar meu amigo.

— Ele não vai me fazer mal, conforme você disse. Então, não vou deixar que ele devore ninguém.

— Você não vai conseguir controlá-lo para sempre. Ele vai crescer e ficar selvagem, me escute, esta é a única chance que teremos de escapar.

O Basilisco se afastou de mim e começou a percorrer o lugar. Ao perceber Rony-X encostado em um canto, ele se aproximou. Fiquei preocupado. Será que Dandy tinha alguma razão? Resolvi fazer um teste e dei uma ordem para o bicho, como se fosse um cachorrinho.

— Pare — ordenei. Ele parou, mas, como todo bom cachorro, logo retomou seu caminho. Senti que ele estava se interessando demais por Rony-X e tomei a iniciativa de me colocar entre os dois. O Basilisco parou.

Então, nesse exato momento, Dandy, provavelmente sentindo que seria o próximo alvo e que, talvez, não tivesse a mesma sorte de Rony-X, disparou por um dos túneis escuros e fugiu.

O Basilisco imediatamente se moveu e disparou atrás do homenzinho.

Aquela também era a nossa chance. Eu conseguia ouvir os passos de Dandy ecoando pelo túnel. Bastaria segui-lo e, com sorte, encontrar a saída daquela caverna.

— O bicho está aqui? — perguntou Rony-X de olhos fechados.

— Não — respondi. — Foi embora.

— Ele é estranho, perigoso.

— Mas nós vamos ter que ir atrás dele. É a nossa única chance.

— Eu não vou! — disse Rony-X. — Vou ficar aqui.

Eu não tinha tempo para discutir. Os passos de Dandy estavam sumindo, o eco diminuía. Se o Basilisco o matasse, talvez eu nunca mais conseguisse retornar ao saguão. A minha decisão tinha que ser rápida e muito precisa.

E eu a tomei.

27

Em perigo, todos!

Não foi fácil deixar Rony-X para trás, mas era a minha única opção. Ele me prometeu que não sairia dali e, assim, fiquei um pouco mais tranquilo. Em seguida, disparei túnel adentro procurando ouvir os gritos de Dandy. Aos poucos, concluí que não poderia mais me utilizar desses sons como referência. A voz dele oscilava bastante, fazia eco e muitas vezes se perdia. O maior problema era a escuridão. Eu simplesmente não conseguia enxergar aonde estava indo. Apenas torcia para que não tivesse nenhum grande obstáculo à minha frente, pois eu poderia rachar a cabeça.

Para minha surpresa, o som mais confiável era o do deslizar do Basilisco pelo chão, que era, obviamente, todo de papel. O túnel deveria ter sido escavado com paciência por entre aquela gigantesca montanha de livros. O Basilisco fazia um som agudo, como se seu corpo estivesse rasgando tudo que encontrasse. Percebi que ele deixava um sulco por onde passava e aquilo também começou a me servir como referência de caminho.

Senti um pouco de vento e essa sensação foi aumentando cada vez mais. Uma brisa fresca parecia tomar conta do túnel. Enxerguei ao longe uma luz que também aumentava de intensidade à medida que eu me aproximava dela. Corri como nunca. A única coisa que se ouvia no túnel agora eram os meus passos.

Finalmente consegui sair, eu estava no vale, no sopé da montanha. Nada mais era de papel por ali. Senti a terra, a água e a luz do Sol. Era estranho, eu não conseguia imaginar de onde vinha aquela luz, pois nem mesmo o teto eu avistava.

Impunha-se o pico do Grifo, e isso sim era visto de qualquer lugar.

Porém, outra coisa logo me chamou a atenção. Ao meu redor estava tudo morto: plantas murchas e parcialmente devoradas.

— Ei, rápido.

Escutei uma voz conhecida e falei:

— É você, Dandy? Onde está?

— Aqui, rápido!

Olhei para baixo e encontrei o homenzinho escondido sob um rochedo.

— Onde está o Basilisco?

— Matando tudo o que vê pela frente — respondeu ele.

— E não tem como pará-lo? — perguntei.

Compreendi que o ser era o responsável por toda aquela destruição ao meu redor.

— Ele acabou de nascer, está com muita fome. Vai crescer rapidamente, aí, então, ele vai querer comer outro tipo de coisa. Plantas não serão mais suficientes.

Foi então que eu compreendi de vez o plano de Dandy.

— Então, era isso que você queria fazer. Você quer que o Basilisco coma tudo o que existir por aqui, cresça e, depois, ataque o Grifo.

— Exatamente.

— Mas quem garante que ele vai conseguir matar o Grifo?

— O Grifo é velho, cansado, seu tempo já está acabando. O problema é que isso poderia levar ainda uns mil anos e eu não posso esperar tanto tempo. Quero meu ouro

AGORA

. O Basilisco apenas vai agilizar o processo. Será fácil para ele destruir um velho Grifo.

— Não vou deixar isso acontecer — falei. — O Grifo não fez nada de mal para ninguém, não é justo.

— Você precisa me escutar — pediu Dandy. — Você não sabe o que o ouro significa. Teremos poder, dinheiro, uma vida de conforto e luxo.

— Eu gosto da minha vida como ela é — isso foi um pouco mentiroso, pois eu preferiria estar bem longe. — O Basilisco me obedece, não é? Vou agora mesmo atrás dele.

Afastei-me de Dandy e vi que ele queria muito me seguir, mas estava com medo de sair do buraco em que se protegia. Fiquei parado por um minuto tentando localizar o Basilisco. O som dele se arrastando era inconfundível. Eu o escutava logo atrás do pequeno morro que impedia a minha visão. Decidi escalá-lo. O barulho estava um pouco diferente, parecia

mais grave e ia ficando cada vez mais abafado quanto mais eu me aproximava do topo.

Foi então que, de repente, atingi o cume e vi algo impressionante: o Basilisco estava imenso, já havia crescido cerca de quarenta vezes desde o momento em que saíra do ovo. Era assustador. Tudo o que existia ao seu redor estava morto. Eu pude ver acontecer. Ele simplesmente olhou para uma árvore gigantesca e ela começou a ceder, se entortar e logo jazia no chão. Em seguida, ele a devorou. Cada vez que isso acontecia, ele aumentava de tamanho. Ouvi um grito e, quando procurei a origem, vi que era o Grifo que sobrevoava o vale, atento ao que se passava.

Enquanto isso, o Basilisco não parava de crescer.

— O Grifo está preocupado — disse Dandy ao meu lado. Levei um susto, pois achei que ele não ia ter coragem de sair de seu esconderijo. — Por favor, me escute — disse ele. — Só temos que esperar o Basilisco matar o Grifo.

— Mas, quando isso acontecer, o Basilisco ficará no lugar dele. Você não vai conseguir pegar os ovos do mesmo jeito.

Ele ficou em silêncio e disse:

— Eu sei o que fazer em seguida. Só preciso que você me ajude e faça exatamente o que eu estou pedindo, ou…

— Ou o quê? — perguntei.

— Ou você vai se lamentar para o resto da vida. Olhe!

“Não, não é possível”, pensei. Aquilo não podia estar acontecendo!

28

Perdendo o controle

Do alto do penhasco, pendendo da caverna, Rony-X estava suspenso.

— Mas como isso foi acontecer? — perguntei para Dandy.

— Armadilhas — respondeu ele. — Tenho várias delas espalhadas pela caverna, principalmente na entrada. Você realmente acha que eu poderia ficar ali, sem ter nenhuma proteção? Aqui existem seres bastante estranhos. Nem mesmo eu conheço todos.

— Vou lá agora mesmo ajudá-lo — falei.

— Você sabe como chegar até ele? — desafiou Dandy. — Sair de lá é uma coisa, conseguir voltar, é bem diferente. Esqueceu que eu tenho armadilhas? E acho bom parar logo com essa conversa, pois aquela corda de papel que está segurando seu amigo é muito frágil, não sei quanto tempo vai durar.

— O que você quer que eu faça? — perguntei, finalmente.

— Simples — respondeu ele. — Mande o Basilisco atacar o Grifo.

— E depois, como é que você vai salvar Rony-X? Quem me garante que você vai cumprir a sua palavra? — perguntei.

Eu estava realmente cansado da falta de respostas. Tudo era muito enigmático, não podia mais confiar no ardiloso homenzinho. Meu amigo corria risco de vida. Desejei que ele estivesse naquele estado em que não compreendia o perigo das coisas, assim Rony-X estaria até se divertindo.

— Você vai fazer o que eu estou mandando e vai ser agora — ordenou Dandy, segurando-me pelos ombros.

Então, ocorreu o inesperado. O Basilisco urrou fortemente. Eu tremi. Não sabia o que poderia acontecer. Ele crescera ainda mais, e se virou rastejando velozmente em nossa direção. Estávamos no topo do morro, mas era como se nos encontrássemos no chão. O monstro se ergueu diante de

nós, com fúria. Dandy escondeu o rosto, com medo. Eu mirei o ser diretamente nos olhos e ele me observou como da primeira vez, ainda dentro do ovo.

— Por favor, diga para ele… — Dandy estava com a voz trêmula e de olhos fechados. — Peça que não me machuq…

Mas eu não tive tempo de fazer nada. O Basilisco mergulhou sua cabeça em direção ao homenzinho, abriu a boca e o ergueu pelos ares. Eu tremi, não queria que aquilo acontecesse. O Basilisco, então, disparou pelo campo coberto de plantas mortas. Eu estava em pânico. Foi então que, de repente, senti uma enorme sombra sobre mim. Eu nem precisava olhar para saber o que era. O Grifo permanecia com seu sobrevoo.

Então, refleti rapidamente, entre um monstro que não me obedecia e outro que obedecia, resolvi apelar para o que poderia me proteger e gritei:

— Basilisco, não mate Dandy. Me proteja!

Eu fiquei ali, esperando que algo acontecesse, mas aparentemente nada mudou. O Basilisco continuava segurando o homenzinho na boca, porém parecia confuso. Deveria ser o resultado da minha ordem. Dandy se agitava dentro daquela boca enorme. Para piorar, olhei para o alto e parecia que Rony-X havia cedido um pouco mais para fora da caverna.

Mas como é que eu tinha chegado naquela situação?

O que é que eu poderia fazer?

Eu não queria matar ninguém, mas também não pretendia morrer.

Foi então que, de repente, me lembrei de algo importante e que talvez pudesse resolver aquela situação.

A fruta para dormir, do lago, eu a tinha no meu bolso. Se eu conseguisse fazer o Basilisco comer, ele iria dormir, colocaria Dandy no chão, e ele me ajudaria a salvar Rony-X. O Grifo… Bem, ele ainda era um problema, mas, como havia tantos outros para resolver, era melhor tentar solucionar um de cada vez.



Disparei em direção ao Basilisco, minha sorte era que ele já havia devorado tudo o que existira pelo campo, não havia obstáculos. O único perigo real era que ele não me visse e caísse em cima de mim, porém eu precisava correr esse risco. Mesmo distante, comecei a gritar para que Dandy me ouvisse.

— Eu tenho a fruta do sono! Talvez o Basilisco durma com ela e te solte.

— O quê? — gritou ele gesticulando muito, provavelmente tentando escapar da boca do monstro.

— Fruta do sono! Eu tenho a fruta do sonooooooooo!

— E como é que você quer que eu pegue? — gritou ele tremendamente mal-humorado. — Não está vendo que eu estou com um problemão aqui?

Não sei como uma pessoa naquele estado conseguia ser tão mal-educada, mas, de qualquer forma, eu ia levar aquela tarefa até o fim.

— Vou jogar, tente pegá-la para enfiar na boca do Basilisco.

Aquilo ia ser a parte mais difícil. Eu até estava me sentindo culpado por fazer algo contra o Basilisco, mas, no fim, não era algo tão ruim. Depois, eu lhe daria um pouco de água como antídoto. Eu não tinha certeza se aquele

pedaço seria o suficiente para fazê-lo adormecer, mas era minha única chance. Usei toda a minha força e atirei a fruta. Vi quando, milagrosamente, Dandy conseguiu pegá-la.

— Peguei — gritou ele. — Peguei!! — E jogou o pedaço de fruta para dentro da boca do monstro, o que não foi muito difícil, afinal de contas.

Para minha alegria, descobri outro pedaço no meu bolso e resolvi atirá-lo também, como garantia, caso o Basilisco não adormecesse com o outro, tão pequeno. De novo, usei toda a minha força e vi quando o novo pedaço foi subindo, subindo, subindo e, de repente, percebi que eu tinha feito uma grande bobagem!

29

Será que dá para piorar?

Dandy estava realmente feliz. Até então, pensou que seria salvo. Porém, quando eu atirei o segundo pedaço da fruta, ele estava gritando e tenho certeza de que, se eu tivesse mirado, não teria acertado, mas o pedaço foi direto para a boca dele. O homenzinho ficou tão assustado que engoliu rapidamente e até se engasgou. Eu vi tudo acontecer.

— O que foi que você fez? — gritou ele.

— Foi sem querer — gritei de volta. — Não foi minha intenção.

O pior de tudo é que aquele local começou a ficar tremendamente perigoso. O Basilisco sentiu sono. Seu corpo amolecia, mas ele ainda conseguia retomar a posição ereta. Constatei que deveria sair dali rapidamente ou o monstro acabaria caindo sobre mim.

E foi o que fiz. Corri pelo campo ressecado em direção ao local em que estava anteriormente, atrás da montanha. Temia olhar para trás, mas Dandy ainda estava vivo, pois eu o ouvia praguejando.

Consegui me esconder. Só então analisei o que se passava. O Basilisco estava enfraquecido e se movia sem direção. Caía e levantava sem parar. Para minha sorte, ele se afastava cada vez mais.

Dandy adormeceu, pois subitamente ficou em silêncio. Se o Basilisco apertasse os dentes, certamente seria o fim dele. Eu não tinha certeza do que havia além daquele vale, mas não devia ser nada de bom. Lembrei-me do mapa, e os nomes dos locais aos quais eles se dirigiam não eram dos melhores: Campo da Morte Certa, Vale dos Desaparecidos, Lago dos Horrores e, o pior, Precipício dos Aflitos.

Eu não queria estar perto de nenhum deles e lamentei que, mais ou menos por minha culpa, Dandy estava indo direto para lá. O Basilisco se

erguia cada vez menos. Eu começava a ter problemas para ver a cabeça dele. Antes, era bem fácil, pois ele não parava de crescer.

Não demorou muito e eu realmente achei que, finalmente, tinha acontecido o pior. O Basilisco parecia querer fugir de alguma coisa, mas, seja lá o que fosse, deveria ser muito superior a ele. Observei quando ele ergueu o corpo e, de repente, desapareceu, como se tivesse sido sugado por alguma coisa.

O Precipício dos Aflitos, pensei. Ele deve ter caído lá, não havia outra explicação. Lamentei. Depois do meu amigo que foi devorado por um tigre, tenho esse trauma, acho que aquela era a segunda vez que alguém morria por uma atitude minha.

Só então percebi uma novidade: calmaria. De repente, tudo ficou quieto. Não havia mais o som do arrastar do Basilisco ou os gritos de Dandy. Estranhei. De qualquer forma, esse silêncio foi oportuno, fundamental para que eu me lembrasse do que realmente importava.

Rony-X permanecia pendurado na caverna e eu não tinha a menor ideia de como tirá-lo de lá. Ele ainda estava calmo, o que era ótimo, pois, se estivesse agitado, certamente já teria caído.

Um dos meus problemas é que eu sou muito distraído. Quando começo a pensar sobre algo, me esqueço de todo o resto. Isso sempre me trouxe vários problemas. Uma vez, escorreguei para a cratera de um vulcão, conforme descrevi no diário número 20. Tenho umas cicatrizes de queimaduras por causa disso.

Enfim, se eu não estivesse tão preocupado tentando descobrir como salvar Dandy, talvez tivesse notado a enorme sombra que me cobriu completamente.

30

Sim, pode piorar, e muito!

Quando concluí que algo errado estava para acontecer comigo, já era tarde: o Grifo me atacava de novo.

Eu praticamente havia me esquecido dele, pois eu me preocupei com tanta coisa ao mesmo tempo que aquela figura, que vivia no alto de um pico imenso, cercado por ovos de ouro, era meu último pensamento.

Grande erro!

Parece até que ele ficou esperando pelo meu descuido para, simplesmente, me atacar. E não foi só a escuridão, um pequeno vento surgiu ao meu redor, que era resultado do bater das asas do monstro. Eu só fiz o que podia fazer, me encolhi na esperança de que ele não pudesse me ver, mas infelizmente fiquei numa posição excelente para ser capturado.

Senti as garras dele grudando em minha roupa, envolvendo meu corpo e, novamente, me encaixando por entre os dedos dele. As sensações eram tão diversas que eu nem sabia qual sentir primeiro: incerteza, desilusão, pavor?

O solo ficava cada vez mais distante. A sensação era a de um voo em círculos, pois o Grifo fez um enorme giro para desviar da montanha de papel; eu já não conseguia mais ver Rony-X. Pelo menos, descobri como Dandy tinha desenhado o mapa. Imaginei que ele tivesse voado várias vezes nas garras do Grifo, pois eu começava a ter uma visão geral de toda a biblioteca. Avistava os lagos, montanhas… Passei a ter uma noção da localização dos espaços e até para onde eu poderia fugir se tivesse uma chance. Mas como escapar daquela situação?

Só me restava imaginar qual seria o meu destino. Eu não conseguia pensar em nada muito positivo. Mesmo assim, me ocorreu um pensamento

que me deu alguma esperança. Dandy certamente já tinha passado por aquela situação e, pelo jeito, tinha conseguido escapar.

Mas como?

Eu não tirava essa pergunta da cabeça. Será que ele tinha feito cócegas no Grifo? Acho difícil, pois minhas mãos não conseguiram alcançar nada dele além da pata. E, depois, eu não iria querer cair daquela altura.

Tinha de haver um jeito.

Então, de repente, senti uma espécie de tranco, como se o Grifo estivesse fazendo um esforço final. Surgiram, diante de mim, galhos do que parecia ser um ninho. Finalmente, o topo daquele pico.

Filhotes!

Nossa, quando essa palavra me veio à cabeça, percebi que eu poderia estar incrivelmente enrascado. Só podia ser isso, ele estava me levando para servir de alimento para seus filhotes. Eu iria virar almoço de Grifinhos.

Sobrevoávamos o ninho, todo de ouro, e eu avistei os tais ovos. Eram redondos e bastante dourados. A luz do Sol fazia com que o brilho deles irradiasse, produzindo um halo dourado. Examinei tudo rapidamente e não localizei nenhum filhote, o que, por alguns segundos, me tranquilizou.

Então, lentamente, o Grifo me colocou entre eles. Talvez tivesse sido melhor ter ficado preso entre as garras. No meio daqueles ovos, minhas chances de sair com vida diminuíam sensivelmente.

Eles eram gelados, duros. Todos tinham exatamente o mesmo tamanho e estavam cuidadosamente arrumados no ninho. Fiquei imaginando quantos haveria. Conforme Dandy dissera, o pico inteiro era de ouro. Para ser bem sincero, eu não achei a menor graça nos ovos.

O que eu desejava mesmo era sair dali. Fiquei imaginando quanto tempo eu teria que aguardar até que aqueles filhotes de Grifo eclodissem dos ovos e me devorassem. Queria que aquilo, afinal de contas, acabasse logo.

Depois de explorar o ninho e descobrir que não havia muito mais o que fazer, foi que percebi que o Grifo me observava. Ele permaneceu na borda do ninho, apenas me olhando, nada mais. Como eu estava cansado, resolvi fazer a mesma coisa e o encarei.

Se ele pudesse me entender, eu tentaria explicar que não era justo que ele tentasse me fazer de lanchinho para seus filhotes, pois tudo o que eu

fizera foi para salvá-lo. Se não fosse por mim, talvez Dandy tivesse subido até o ninho com o Basilisco e destruído tudo.

Enquanto voávamos, descobri o local por onde o Basilisco poderia ter desabado. Era realmente um abismo gigantesco. Eu desejava, de todo o coração, que eles não tivessem morrido na queda, mas, de qualquer forma, certamente teriam se machucado.

E Rony-X, como é que ele estaria?

Na falta de atividade melhor, decidi conversar com o Grifo.

— O que você quer de mim? Se vai me jantar, jante logo, pois não estou aguentando mais essa agonia. Acho até que mereço ser devorado para aprender a não me meter em confusão. Se eu tivesse ficado quietinho lá no saguão, esperando que se passassem os dez anos, talvez eu não estivesse aqui, no meio desses ovos duros e inúteis. Agora, eu só queria salvar o meu amigo e voltar para casa.

Então, algo surpreendente aconteceu. O Grifo abriu suas imensas asas. Tentei me esconder, mas não tive sorte. O espaço era apertado e eu não conseguia nem mesmo enfiar uma perna entre os ovos.

Logo, as garras vieram em minha direção. Talvez eu tenha dito alguma coisa errada e desta vez eu ia mesmo parar na goela do bicho.

31

O último voo

Eu não estava entendendo nada. Lá estava eu novamente nas garras do Grifo, sobrevoando o vale. Ele simplesmente me retirou do ninho e voltamos a voar. Imaginei que ele fosse me jogar a qualquer momento. Se eu não servia nem para o almoço dos filhotes dele, o que mais ele poderia fazer comigo?

Fiquei pensando no que teria acontecido com Rony-X. Não me parecia que aquela frágil corda de papel fosse aguentar o peso dele durante muito tempo. Ele não era exatamente muito magro. Quem diria que, depois de tudo o que passamos, fôssemos os dois terminar numa queda.

O Grifo prosseguia. Aos poucos fui reconhecendo o trajeto. Estávamos nos aproximando da montanha de papel. Tentei localizar a caverna e o meu amigo. Então, de repente, mal podia acreditar no que via. Rony-X ainda estava lá, quase na mesma posição. Fiquei contente, claro, do jeito que era possível na minha situação. Pelo menos, nós dois ainda estávamos vivos.

Imaginei que, talvez, o Grifo quisesse devorar os dois de uma vez só, mas não fazia sentido ele ter me tirado do ninho para isso; bastava ter ido buscar o outro. De qualquer forma, a montanha de papel estava muito próxima e o Grifo passou a bater as asas, estava agora com controle total sobre seu voo. Rony-X simplesmente acenava para mim.

Percebi então que o Grifo abriu sua outra garra e, antes que meu amigo pudesse expressar qualquer reação, foi agarrado como eu e, de repente, estávamos os dois, lado a lado, voando com o Grifo.

— Iupiiiiiiiiii!!!!! — gritou Rony-X. — Estamos voando!

Eu não sabia se ria ou chorava. Chorar de emoção por tê-lo vivo ao meu lado, ou rir do fato de que ele estava se divertindo.

O Grifo, então, voou para uma grande altitude e avistei o Pântano do Medo. Do alto, ele não era tão assustador, assemelhava-se a uma pequena floresta fechada. Parecia que estávamos retornando para o ponto de partida. Isso se confirmou quando vi o jardim das frutas do sono e a imensa cachoeira de onde havíamos despencado.



Sim, voltávamos para o saguão da biblioteca. Eu mal podia acreditar. O Grifo terminou de cruzar uma imensa montanha e, de repente, avistei uma luz. Era o tipo das que havia na biblioteca, clara, intensa, e emanava do buraco no telhado por onde o Grifo tinha, provavelmente, entrado e saído tantas vezes.

Ele pousou lentamente e revi todas as estantes quebradas, livros caídos e coisas esparramadas pelo chão.

Fiquei contente, muito contente.

O Grifo chegou ao chão suavemente e abriu suas garras.

Saltei e mal pude acreditar que estava caminhando novamente, seguro!

— De novo! — gritava Rony-X. — Quero voar outra vez.

O Grifo, ignorando os apelos de Rony-X, abriu suas asas e nos isolou em um canto da biblioteca. Fomos praticamente empurrados contra a parede e eu não conseguia me mexer. Estranhei, mas não tive medo, alguma coisa ainda iria acontecer.

Escutamos um grito muito forte do Grifo e, em seguida, veio um estrondo poderoso, forte, como se fosse uma avalanche. Isso demorou alguns minutos. Senti que muitas coisas desabaram. Aos poucos, o som foi diminuindo até cessar totalmente. Só então o Grifo recolheu as asas e ficamos livres.

Em seguida, ele olhou para nós e alçou voo para fora da biblioteca. Achei que aquela tinha sido a última vez que eu vira um ser tão sensacional e imprevisível.

Acenei para ele e disse o mais alto que pude:

— Adeus! Obrigado!

32

De volta?

— Ah, que pena que ele foi embora. Queria tanto voar de novo — comentou Rony-X.

Eu mal podia acreditar que estávamos de volta a um local que conhecíamos inteiramente: o lago da biblioteca. Senti um alívio, quase como se tivesse chegado em minha própria casa. Achei aquilo bem esquisito. Afinal, meu primeiro objetivo era de fato conseguir sair exatamente do lugar que eu me encontrava, porém agora, com o retorno, eu me sentia aliviado.

— Acho que eu já voei bastante por esses dias — respondi.

Havia uma poeira branca pelo ar que foi sumindo aos poucos. Quando, por fim, desapareceu, vimos o que o Grifo tinha feito. Ele havia provocado uma avalanche de livros que bloqueou por completo a passagem do túnel que nos levara para os confins da biblioteca. Provavelmente ele quis se certificar de que não retornaríamos para seu vale, à procura dos ovos de ouro. Eu não pretendia falar sobre aquilo com ninguém. Mesmo que Rony-X contasse, poderiam achar que era imaginação dele, afinal, somente eu e Dandy vimos os ovos de ouro, de fato. Era uma pena que o homenzinho estivesse, para sempre, soterrado no vale.

Passada aquela sensação de alívio, aos poucos retomamos nossa rotina. Não havia muito o que fazer e eu resolvi mergulhar na leitura. Mesmo com a passagem bloqueada, a biblioteca ainda era muito grande. Havia várias salas inexploradas. O desejo que eu tinha em ler uma história completa logo se realizou. Nunca que eu poderia imaginar que existissem tantas aventuras diferentes e interessantes em tantos livros. Se antes já achava que era uma imensa bobagem apoiar mesas com eles, agora eu considerava isso

praticamente um crime. Quantos livros não devem ter se perdido em razão dessa bobagem?

E foi assim, passeando e lendo, que acabei encontrando um pequeno título que chamou minha atenção:

LENDAS MARAVILHOSAS DE TODO O MUNDO

. Eu corri o dedo pelo sumário e quase caí duro quando vi o título de um dos capítulos:

O GRIFO

. Corri para ele imediatamente. Ele era descrito como um ser lendário e havia uma figura que o mostrava exatamente como o conhecemos. Fiquei contente, pois, embora o livro o tratasse como algo inexistente, mostrava fatos que correspondiam totalmente com a verdade. Assim, me senti seguro para acreditar em tudo o que estava escrito. Provavelmente, quem escreveu aquilo também tivera algum contato com ele.

Pude, enfim, compreender diversas coisas. Ele era considerado um bicho muito sábio, amante das artes e dominador do ar e do céu. É por isso que conseguia voar tão bem. Fora que também possuía apurado senso de justiça.

Era isso! O Grifo conseguia nos ver como somos, de verdade. Ele sabia direitinho que eu e Rony-X erámos vítimas de tudo aquilo. Agora, sei que, quando me analisou em seu ninho, ele deveria estar em busca da certeza de que éramos bons. Dandy já tinha dado todas as razões de sua ganância, talvez por isso o Grifo sempre o afastou.

Prosseguindo com a leitura, percebi que tinha algo marcado no texto. Havia um grande círculo ao redor do nome

BASILISCO

, que era apontado como um inimigo mortal do Grifo. Fiquei pensando se aquilo teria sido uma obra de Dandy. Quando descobriu que ele vivia por ali, passou o restante do seu tempo tentando encontrar os ovos de ouro. Fiquei pensando em como ele teria encontrado o ovo do Basilisco. Acho que nunca vou saber, pois grande parte dos mistérios da biblioteca foi encerrada para sempre. Talvez eu até voltasse algum dia, como retornei para a Caverna das Lágrimas, aventura que eu já contei no diário número 6.

— Achei você — disse Rony-X. — Ainda perdendo tempo com esses símbolos estranhos?

Eu estava tão envolvido com a leitura que tinha até me esquecido de Rony-X. Só então reparei que ele andava muito silencioso nos últimos tempos. Eu o tinha visto somente uma vez, quando localizamos uma lata de goiabada azul em meio ao nosso escasso estoque de comida. Isso me preocupava com frequência, aquela comida não iria durar dez anos. Não sei o que seria de nós quando terminasse.

— Não são símbolos estranhos — falei. — Já expliquei que são letras, que formam palavras. Se você quiser, te ensino a ler… você não sabe o que está perdendo.

— Vem comigo. Quero te mostrar uma coisa — disse ele com um enorme sorriso.

— Mostrar o quê? Você, por acaso, descobriu outra passagem, algum monstro chegando? Se for isso, eu prefiro…

— Não. É uma surpresa. Venha comigo, você vai gostar.

Levantei-me, coloquei o pequeno livro de lendas no bolso, pois não queria mais me separar dele, e segui Rony-X.

E ia ser mesmo uma surpresa, das maiores que já tive; e espero que possa durar bem mais que os meus próprios diários. Quando vi o que meu amigo tinha feito, fiquei sem palavras, parecia um sonho e, de fato, ninguém iria acreditar ou entender aquilo quando visse.

33

Um herói de verdade

Não demorei para perceber que Rony-X me levava para a Sala dos Grandes Quadros. Os quadros continuavam lá, mostrando aqueles antigos heróis montados orgulhosos sobre os monstros que decerto aniquilaram.

Porém, havia algo diferente e que demorei algum tempo para perceber exatamente o que era. A antiga tela em branco não se encontrava mais vazia. Havia nela uma imensa pintura, ocupando cada centímetro.

— Fui eu que fiz! — disse Rony-X. — Gostou?

Aproximei-me dela e disse, incrédulo:

— Mas… mas… Sou eu!

Sim, era eu. Rony-X havia me retratado na tela, mas não somente a mim. Éramos eu e o Grifo voando sobre o vale com uma riqueza de detalhes que eu nem me lembrava mais. Porém, meu amigo, com sua memória invejável, havia reproduzido toda a beleza do vale, o pico do ninho, o rio, o precipício por onde havia caído o Basilisco, tudo cheio de cores e nuances.



— Eu gostei quando vocês voaram para me tirar daquele fio que me prendia no alto da caverna. Estava cansado de ficar ali.

Ele poderia ter morrido, porém resolvi não tocar no assunto.

— Mas está um pouco diferente… — comecei a falar. — Não foi assim que eu e o Grifo chegamos…

— Eu sei — riu ele. — Achei que assim ficaria mais bonito.

E ficou mesmo. Ele não me pintou preso nas garras do Grifo, mas sentado no pescoço dele, como se eu tivesse total controle sobre aquele ser. Confesso que me senti envaidecido.

— Eu estava aqui sem fazer nada — disse Rony-X. — Achei um monte de tinta guardada nas gavetas e resolvi brincar. Saiu esse quadrão. Gostou da minha assinatura?

— Que assinatura? — Ele então apontou para o quadro e mostrou um enorme X preto.

— Eu sempre faço desenhos em casa — disse ele. — Certo dia, um homem passou e disse que eu era muito bom e que deveria assinar meus trabalhos. Não entendi nada, mas ele me disse para cruzar dois pauzinhos, sempre no canto direito; assim, todo mundo ia saber que o quadro era meu.

Só então eu entendi a razão do X no nome dele. Agora estava explicado. Com o tempo, eu iria ensiná-lo a escrever o próprio nome completo, talvez ele gostasse, afinal de contas, Rony-X já conhecia o X, embora, pelo jeito, ele não soubesse que era uma letra. Acho Rony-X bem melhor do que apenas X.

Não conseguia parar de olhar. Todo o quadro era muito bonito, mas algo para mim se tornou especial. Era o único quadro em que o herói não havia matado a sua criatura. Nos outros havia sangue, bichos estraçalhados, vencidos. No meu, não. O Grifo também havia sido retratado com um olhar tranquilo, imponente. Voávamos livres!



— Obrigado — falei para Rony-X. — Nunca vou me esquecer disso.

— Por que você está chorando? — perguntou ele. — Não gostou? Se quiser, apago agora mesmo, sobrou um montão de tinta e…

— Não, eu adorei. De verdade — respondi. — Só queria mesmo te dar um abraço.

E eu o abracei. Acho que ele não entendeu o que estava acontecendo, não reagiu. Ficou quieto esperando que eu o largasse. Eu sabia que ele estava incomodado, mas só queria expressar a minha gratidão. Agora, eu realmente percebia que nós fazíamos uma boa dupla. Acho que esta história só teve um final mais ou menos feliz porque nos ajudamos o tempo todo.

Então, enquanto eu me preparava para libertá-lo do meu abraço, escutamos outro barulho, como se estivesse ocorrendo um novo desmoronamento. Fomos ver o que era e… Nossa!

34

A lógica de cada um

Eu não conseguia acreditar no que estava vendo. Era impossível! Só consegui pronunciar uma única palavra:

— Mãe!

Quando retornamos ao saguão para ver o que estava acontecendo, minha mãe e, em seguida, meu pai apareceram, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Corri até ela e lhe dei um grande abraço.

Não demorou muito e os pais de Rony-X também surgiram, mas a reação dele foi bem diferente da minha. Ele simplesmente caminhou até eles e disse:

— Oi.

Assim como eles, eu estava cheio de perguntas para fazer. A porta, inclusive, permanecia fechada.

— Como vocês entraram? Já se passaram dez anos? — Antes que eles respondessem, eu já sabia a resposta: no meio do salão havia um buraco enorme.

Minha mãe iniciou as explicações.

— Quando seu pai chegou em casa sem você… E sem um único livro — completou —, percebi que havia alguma coisa muito errada. Ele me contou que talvez você tivesse ficado preso aqui dentro.

— É, filho — disse meu pai. — Desculpe, não sei como…

Minha mãe o interrompeu e disse:

— Onde já se viu, voltar para casa sem o filho? Conversei com um monte de gente e eles também

ACHAVAM

que você tinha ficado aqui.

— Eu e Rony-X — completei.

— Sim — disse minha mãe. — Mas a família dele demorou mais tempo para perceber que ele não estava em casa. Acharam que ele havia se trancado no quarto…

— Ele faz isso de vez em quando, não é, meu filho? — afirmou a mãe de Rony-X.

— Sempre que quero me coçar — respondeu ele tranquilamente.

— Bem, a verdade é que assim que eu tive a

CERTEZA

de que você estava aqui, fui ao conselho dos mestres e

EXIGI

a chave para abrir a porta.

— Mas eles não deixaram — disse meu pai. — Falaram que existiam regras a serem seguidas e que, se não as cumprissem, toda a vila poderia ser prejudicada.

— Eu não me conformei — prosseguiu minha mãe. — Eu que não ia ficar longe do meu filhinho por dez anos… E sem nenhum livro ainda por cima; as mesas de casa estão todas bambas.

— Agora você pode pegar o que quiser, querida — disse meu pai como que se desculpando…

— Você sabe muito bem que…

AGORA EU NÃO QUERO MAIS

. Os livros servem para outra coisa.

— Como assim? — levei um susto quando minha mãe disse aquilo. Todo mundo sempre disse que os livros não passavam de uma grande besteira.

— Todos os dias eu ia arrumar seu quarto — prosseguiu minha mãe. — Sentia saudades e foi o jeito que encontrei para ficar perto de você. E, de tanto arrumar, mexer, olhar, descobri um livro. Pensei que os seus estivessem servindo de apoio para sua cama, mas aquele parecia especial, estava guardado.

— Meu livro de figuras! — falei.

— Isso mesmo — continuou ela. — Comecei a olhar para ele, virar as páginas, ver as figuras e... adivinhe? Lembrei que sabia ler. Minha bisavó insistiu em me ensinar e eu acabei aprendendo, mas, com o tempo, preferi correr atrás de abelhas ou bater pilão do que ficar virando páginas e páginas

daqueles textos. A verdade é que acabei me interessando por aquele seu livro e fui entendendo o que estava escrito.

— Você e sua família sempre perdendo tempo com livros, não é? — disse Rony-X.

— Acho que você sempre esteve certo, meu filho — disse minha mãe. — Eu, então, descobri um capítulo que mostrava como escavar a terra para se fazer um túnel por baixo de um muro. Imaginei que seria a solução.

— Sua mãe é muito esperta — aproveitou meu pai para melhorar sua situação. — Ela conversou novamente com o conselho e disse que já havia se convencido de que não poderiam abrir a porta, mas não havia nada que impedisse que alguém passasse

POR BAIXO

da porta.

— Isso mesmo — disse ela. — Os sábios conversaram, confabularam e especularam por alguns dias. No fim, disseram que sim, qualquer um poderia passar por baixo da porta, pois não havia realmente nada que nos impedisse.

— Aí — prosseguiu meu pai —, chamei os pais do seu amigo e começamos a cavar um buraco do outro lado. Deu um pouco de trabalho, pois erramos o caminho duas vezes…

— E foram parar no deserto de areia… — reclamou minha mãe.

— Mas tudo acabou dando certo e, agora, aqui estamos!

— E já podemos ir embora, meu filho. Fiz um bolo delicioso e ele está te esperando. Sua irmãzinha também está morrendo de saudade.

— Vamos, filho — disse meu pai. — Basta passarmos pelo buraco e você nunca mais vai precisar voltar para cá.

Acho que eu não iria mais conseguir viver sem aqueles livros, sem aquela biblioteca toda. Queria tanto conhecer o que havia ali... aprender. Nunca se sabe o que poderia encontrar lá fora, sempre aconteciam surpresas esquisitas, como a da invasão dos gafanhotos gigantes, que mencionei no diário número 12.

Imaginei que eu sempre poderia voltar, atravessando o buraco que meus pais fizeram, porém eu tinha a certeza de que ninguém mais iria querer se sujar de terra apenas para pegar um livro.



De repente, tive uma ideia que o conselho talvez não entendesse imediatamente, mas não haveria nada que pudessem fazer para me impedir de colocá-la em prática.

35

Sabendo perder…

Acabou! Acabou tudo. Agora, estou aqui, dentro da biblioteca, escrevendo as últimas páginas deste meu diário. Ainda bem, pois eu já estava ficando sem papel e tive que economizar para que pudesse relatar tudo o que eu desejava.

As coisas mudaram bastante desde que eu coloquei o meu último plano em prática. Agora, sou até um pouco famoso aqui na vila.

A biblioteca está aberta, de forma definitiva. Ninguém mais precisa esperar por dez anos a fim de pegar um livro para bater na cabeça do marido ou apoiar a mesa. Algumas pessoas continuam fazendo exatamente isso; entretanto, outras, desde que, por curiosidade, decidiram abrir as páginas de alguns desses livros, não pararam mais.

Eu sou um pouco culpado, assumo. A sala mais visitada da biblioteca é a dos quadros. Tudo culpa de Rony-X, que espalhou que tinha pintado a melhor história de todos os tempos. As pessoas queriam ver que história era aquela e o que é que eu estava fazendo pintado sobre um Grifo. Rony-X contou nossa aventura várias e várias vezes, mas ninguém acreditava, como eu havia previsto.

De vez em quando, eu até ia ao local onde o telhado estava quebrado na esperança de encontrar o Grifo, mas ele nunca mais apareceu.

E as coisas estão assim, apenas porque eu não quis me arrastar pelo túnel de volta à vila. Eu apostava que aquele túnel não deveria estar muito bem-feito. Eles não eram muito pacientes para ler instruções; assim, tudo poderia desabar a qualquer momento. Eu não ia ter condições de fazer uma escavação cada vez que quisesse pegar um livro.

Eu sabia que as regras jamais poderiam ser quebradas. As portas da biblioteca só poderiam ser abertas de dez em dez anos. No entanto, havia

uma coisa que não fora mencionada. Jamais estabeleceram qualquer prazo para que elas fossem abertas de dentro para fora, apenas o contrário.

Enquanto eu contava a minha ideia para os meus pais, o túnel realmente desabou. Só iríamos conseguir sair dali se destruíssemos a fechadura da porta. Então, com todo mundo se revezando, batendo fortemente na fechadura com picaretas, pás e pedras, finalmente ela caiu. Quando isso aconteceu, abriu-se uma fresta e, em seguida, foi fácil empurrá-la.

A luz do Sol entrou. Fui o primeiro a sair. As pessoas que estavam por perto levaram um susto e foram correndo chamar os conselheiros. Eles vieram, confabularam, conversaram, especularam e concluíram que eu tinha razão. Como não havia nenhuma regra que mandasse fechar a porta quando ela fosse aberta fora do prazo de dez anos, resolveram mantê-la aberta, definitivamente.

Dois aspectos foram muito importantes para essa decisão: o primeiro era meio óbvio. A fechadura havia sido destruída e não daria mais para fechá-la; o segundo, e mais complicado, foi que eu e Rony-X tivemos que garantir que não havia nenhum monstro lá dentro e que toda a vila estaria em segurança.

Eu fiz isso, com um pouco de medo, pois realmente não conhecia o que havia de fato dentro de toda a biblioteca, mas preferi acreditar que o Grifo sabia o que estava fazendo quando lacrou as passagens. Afinal, ele era conhecido no mundo das lendas por seu senso de justiça, não era?

E, assim, a biblioteca ficou aberta permanentemente.

A única pergunta para a qual eu não tinha resposta era sobre o paradeiro de Dandy. Os conselheiros me perguntaram sobre isso, mas eu disse que não sabia de nada.

Eu não estava mentindo tanto; afinal, como saber se ele de fato tinha morrido? Talvez estivesse dormindo na boca do Basilisco. Eu até mantinha a esperança de que ele acordasse primeiro e fugisse, pois o pedaço que caiu em sua boca era bem menor que o do Basilisco.

Resolveram, de qualquer forma, manter a tradição dos dez anos em homenagem ao homem que continuava perdido na grande biblioteca, o que permaneceria como outro de nossos grandes mistérios.



Na vila, tenho a impressão de que as coisas também estão se complicando. Dizem que um enorme gigante bebeu toda a nossa água, que costumava vir de um lago oculto nas montanhas inatingíveis. Agora, estavam procurando um "voluntário" para descobrir o que estava acontecendo.

Eu torço para que nenhum acaso me leve até lá, como aconteceu quando precisei enganar as três grandes bruxas, conforme descrito no diário número 4.

Mas, enfim… Agora vou tentar aproveitar meus dias vagos para ler mais alguns livros. Chegou a hora de perder este diário, pois há muitas coisas aqui que poderiam me colocar em apuro.

E acho que o melhor lugar para perdê-lo é aqui, dentro da biblioteca. Sei que é muita pretensão minha querer algo que eu escrevi em meio a tantas obras grandiosas e antigas, mas ficará sendo um segredo meu.

Quem sabe, algum dia, alguém se interesse por ele, não é?

Vou procurar um lugar bem escondido na biblioteca e “perder” o diário por lá.

Além de não querer que ninguém do meu tempo o leia, não desejo que meu diário termine apoiando algum pé de cama ou mesa por aí. Ou pior, que seja usado para bater na cabeça de alguém.

Hora de me despedir… Querido diário, que você tenha um bom destino e que alguém te encontre algum dia. Quando eu te fechar, nunca mais o abrirei.

É assim que sempre faço.

Adeus, meu diário número 23.

FIM



© 2022 Manuel Filho
© 2022 ilustrações de Walmir Archanjo – 137 Studio

Direitos de publicação:
© 2022 Editora Melhoramentos Ltda.
Todos os direitos reservados.
Projeto gráfico e diagramação
KAIO CASSIO
Preparação de texto
SÉRGIO NASCIMENTO
Revisão
MÔNICA REIS & DANIELA GEORGETO
Créditos das imagens
pp. 1, 2, 6, 7, 21, 52, 70, 72, 102, 127, 144, 151, 152:
RIJKSMUSEUM
/ Domínio público.
p. 62: Adobe Stock © Alexander Potapov / p. 80: Adobe Stock © Korta
/
pp. 94-95: Adobe Stock © Venus

1.ª edição digital, abril de 2022
ISBN
978-65-5539-432-0 (digital)
ISBN
978-65-5539-050-6 (impresso)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 729 –
CEP
01031-970
São Paulo –
SP
– Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br

Siga a Editora Melhoramentos nas redes sociais:

/editoramelhoramentos



Table of Contents

Capa
Folha de rosto
Apresentação
Sumário
1. O que as pessoas pensam de quem é diferente
2. Ninguém quer você por perto
3. Nada do que estão pensando
4. A Sala dos Grandes Quadros
5. Histórias maravilhosas?
6. O que está acontecendo por aqui?
7. Uma nova lenda
8. Pior do que está, não fica
9. Também aconteceu comigo
10. Uma difícil decisão
11. Perigo no jardim
12. Uma mensagem gravada
13. E agora?
14. As surpresas de um monstro
15. Um segredo escondido
16. Os pontos curiosos
17. Aprendendo o caminho
18. O túnel
19. Do outro lado
20. Razão e emoção
21. Caminhos perigosos
22. Alguém se perdeu
23. A dupla perfeita
24. O Vale do Grifo
25. Um segredo revelado
26. Papai?

27. Em perigo, todos!
28. Perdendo o controle
29. Será que dá para piorar?
30. Sim, pode piorar, e muito!
31. O último voo
32. De volta?
33. Um herói de verdade
34. A lógica de cada um
35. Sabendo perder…
Créditos

Landmarks

Cover
Table of Contents
Body Matter